Apresentação

Minhas Irmãs queridas

A Jesus por Maria!!!

Este livro **A Virgem de Nazareth** é também mais uma dádiva de nosso querido Fundador. Encontrei-o também no acervo do Memorial Histórico Pe. Júlio Maria, agora, em Manhumirim. Tomada de muita emoção vibrei, ao descobrir a sua dedicatória, ao perceber o seu cuidado e o seu zelo pelas "Filhas do Coração de Maria".Tomada ainda de emoção, a partir daquele momento me senti possuidora da obra e falei para o Superior dos Missionários Sacramentinos – Pe. Isaias Júnior de Andrade - que o livro, pertencia sem dúvida ao nosso patrimônio espiritual cordimariano. O que poderia ele fazer?

Nosso Fundador era pai mesmo e logo mais encontrei outro exemplar que ocupou o lugar do primeiro. Assim, lá em Manhumirim, no Memorial Histórico há um outro volume de **"A Virgem de Nazareth"** enriquecendo o acervo julimariano.

Hoje a Família Cordimariana está recebendo mais uma obra julimariana nascida do amor e do zelo do Fundador. Este texto nasceu antes mesmo da fundação cordimariana e foi publicado na Voz de Nazareth, de novembro de 1914 a maio de 1917. O índice feito em forma de rascunho pelo próprio autor, sinaliza dois capítulos sobre São José, mas que não foram colocados pelo Pe. Júlio Maria. Posteriormente, em outras edições da Voz de Nazareth, vamos encontrar vários artigos sobre o esposo de Maria, mas que, para conservar a originalidade desta obra, não foram colocados aqui.

Disponibilizado em: † Livros Católicos para Download

De uma confecção simples e artesanal, é mais um trabalho realizado em nosso Memorial, e que traz um conteúdo que enriquecerá, sem dúvida, a prática de nossa espiritualidade mariana.

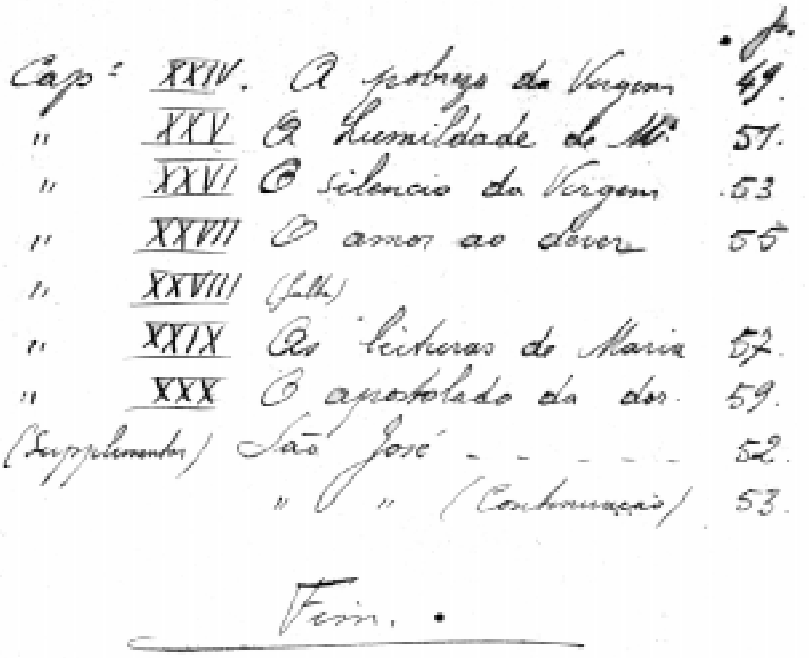
Louvamos a Deus pelas descobertas julimarianas e por conseguirmos realizar o sonho de fazer de nosso memorial um espaço de resgate de nossa história.

Caucaia, 02 de novembro de 2005
Irmã Maria Crismanda Saraiva de Oliveira - FCIM

Pagina

Indice

Introducção		1
Capitulo I	A Cidade de Nazareth	3
" II	A Casa Santa	5
" III	Conservação da Casa santa	7
" IV	A vida da Virgem de Nz	9
" V	A occupação de Nazareth	11
" VI	A Séva do Senhor	13
" VII	A vida retirada	15
" VIII	A meditação da Virgem	17
" IX	Jesus está em Nazareth	19
" X	Sempre perto de Jesus	21
" XI	A boa Virgem Maria	23
" XII	O apostolado da Virgem	25
" XIII	A dedicação de Maria	27
" XIV	A Virgem amavel	29
" XV	A doce mansuetude	31
" XVI	O olho sobrenatural	33
" XVII	Maria e a Vontade de Deus	35
" XVIII	O Santo abandono	37
" XIX	A oração da Virgem	39
" XX	Submissão de Jesus	41
" XXI	A obediencia pratica	43
" XXII	Uma devoção antiga	45
" XXIII	A prece da Virgem	47



Cap.º XXIV. A pobreza da Virgem 49.
" XXV A humildade de M.ª 57.
" XXVI O silencio da Virgem 53
" XXVII O amor ao dever 55
" XXVIII (Lh.)
" XXIX As lições de Maria 52.
" XXX O apostolado da dor 59.
(Supplemento) São José 52.
" " (Continuação) 53.

Fim.

Disponibilizado em: † Livros Católicos para Download

Introdução

Exemplo de Virtude

Ignoro quem, pela primeira vez, teve a feliz e fecunda idéia de dar à Virgem Imaculada, o bendito e sugestivo nome de Nossa Senhora de Nazareth. Pouco importa o autor. Sempre fica esta denominação que abre diante de nossos olhos um horizonte celestial, que o coração poetisa com amor, com coisas arrebatadoras. Este nome evoca as mais doces lembranças e as intimidades mais inefáveis entre Jesus e Maria.

Nazareth! É a vida oculta, a solidão: mas a solidão com Jesus.

Nazareth! É a oração, é o anelo pelo céu: mas sempre sob os olhos de Jesus!

Nazareth! É, sobretudo, o estudo de Jesus: o estudo destas maravilhas que se desenvolviam no Menino Deus, deixando entrever, pouco a pouco, o que de sobrehumano irradiava da alma de Jesus, através de sua humanidade.

Nesta escura ermida de Nazareth, onde penetraram os olhos do Pai Eterno e dos anjos, seus mensageiros: *Jesus crescia em sabedoria, em idade, e em graça*, diz o Evangelho, *diante de Deus e dos homens* (Lc. 2, 52).

Era o papel do futuro redentor: patentear exteriormente as inesgotáveis belezas de sua sabedoria, à medida que os anos sucediam aos anos e que o olhar dos homens se acostumava a ver, através do desenvolvimento da natureza, outro desenvolvimento, só aparente este, da inteligência e da vontade.

E a Santíssima Virgem estava lá, como ela estivera em Belém... como estará, mais tarde, no Calvário. Ela estava lá, nota ainda o Evangelista, *conservando todas estas coisas e meditando-as em seu coração.* (Lc. 2, 51).

O Espírito Santo não diz nada dos atos da Virgem Santa, nada de seu proceder, nada de seus progressos na virtude.

E com efeito, porque falar nisto? De que serve repetir o que todos sabem, o que todos podem adivinhar?

Antecedentemente o anjo saudara-a da parte de Deus, *cheia de graça*. Este mesmo Espírito, pela voz de Santa Isabel, proclamara-a bem-aventurada por ter acreditado na palavra de Deus... e servindo-se das palavras da própria Virgem Maria, Ele lançara até as extremidades da terra e dos séculos esta estupenda e divina profecia, que todas as gerações e todos os séculos haviam de chamá-la e de exaltá-la sobre todas as mulheres.

Depois de uma proclamação tal, é necessário ainda tecer outros louvores e minudências? Qualquer explicação ulterior não podia senão diminuir a primeira glória.

O Espírito Santo, então, cala-se. Disse tudo. Disse como Deus: com a concisão, a força e a precisão que são próprias da palavra divina. Maria estava com Jesus, em Nazareth: quer dizer que ela foi a testemunha de tudo o que fez e disse o Filho de Deus, durante os trinta anos de sua vida oculta. Ela recolheu tudo; conservou tudo no íntimo do coração, apropriando-se da doutrina celeste que, dos lábios do seu divino Filho, mandava qual raio do céu. Ela pôs em prática todo o ensino do Salvador, tão amorosamente que se fez uma digna Mãe de Deus.

Avaliais o que é uma digna Mãe de Deus?

É não deixar sem frutos a mínima parcela de graças que cintilavam em redor de Jesus. É não deixar escapar sem reproduzi-lo, um só dos exemplos, que tão abundantemente semeia o Salvador a cada passo.

Sim, em Belém, Maria foi digna de dar à luz ao Verbo encarnado, porque era *cheia de graça*. Sim, mais tarde, ela devia ser uma digna Co-redentora, porque *cheia de dor*, ela devia ser, em Nazareth, digna da vida e dos exemplos de Jesus, sendo *cheia de virtudes*.

Nota-se aqui a evolução natural da grandeza e da glória. A graça produz a virtude; e a virtude se aperfeiçoa, se aureola na dor, para ser coroada finalmente, na glória.

Ó admirável! ó divina invocação essa: *Nossa Senhora de Nazareth, rogue por nós!*

Chamá-la Maria Santíssima: *Virgem de Nazareth*, é evocar-lhe todas as virtudes. Ela é o exemplar da pureza, como em todos os méritos de mãe de família.

Vinde, então, ó virgens, vinde, piedosas filhas de Maria, olhai para Maria, e perto dela, aprendei a conservar intacto o lírio que Deus vos entregou nas mãos.

Vinde, esposas fiéis, vinde caros meninos; para vós a Virgem de Nazareth é também um exemplo.

Perto dela está São José, o homem-virgem, que o Espírito Santo chama “justo”. Ele é o modelo perfeito e acessível dos trabalhadores e dos pobres.

E o Menino Jesus! obediente, humilde, que protótipo mais perfeito se poderá imaginar para a infância!

Tudo isso nos mostra a Virgem na sua vida oculta de Nazareth.

Seria temeridade levantar um pouco o véu que recobre estes mistérios, para revelar ao mundo a mais santa das famílias, e nesta família, a mais doce, a mais amante, e mais formosa das Virgens, das mulheres e das mães?

Experimentêmo-lo ao menos. Caso as nossas investigações não estejam à altura das belezas a delinear, supram as almas piedosas o que faltar pela oração e pela meditação. Que o seu amor para com a Mãe de Deus lhes descubra o que nossa fraqueza não pode indicar... que, sobretudo de seus corações se levante mais penetrante e mais acendrado este grito de amor: *Ó Virgem de Nazareth, dai-nos a graça de imitar as vossas virtudes!*

É o único anelo do autor.

Capítulo 1

A Cidade de Nazareth

Antes de considerar as maravilhas de Nazareth e de contemplar, na pátria de todas as virtudes e de todos os heroísmos, Aquela que com tanta graça é chamada *Virgem de Nazareth*, é mister dirigir a vista aos lugares onde estas cenas se desenvolveram.

Nas alturas da Galiléia está situada uma pequena cidade, oculta e quase desconhecida do mundo. A história do Antigo Testamento, de fato, apenas menciona a cidade de Nazareth, adornada hoje, pelo Evangelho, de tamanha celebridade. Poucas vezes mesmo a Sagrada Escritura fala da Galiléia: região pacífica, cujos habitantes, apesar das hostilidades dos Samaritanos, guardaram sempre uma afeição viva ao templo de Jerusalém. Nem os furacões de Babilônia e de Nínive, que sobre eles se desencadearam, puderam arrancá-los de suas montanhas.

Situada a vinte e cinco léguas de Jerusalém, a nove horas de Cafarnaum, longe das vias freqüentadas, Nazareth não achara ainda um lugar na história do mundo. Ela esperava... Ela era, no dizer de São Jerônimo, a rosa que não abre o seu cálice, senão para o Céu.

Paremos um instante nas alturas setentrionais que encenam a pequena aldeia. Daí, o olhar devassa a Galiléia inteira e se abisma na contemplação de um espetáculo de arrebatadora beleza.

No oeste estende-se a linda serra do Carmelo, a baia da Caiffa, o mar mediterrâneo, que de dois lados quebra a fúria de suas ondas contra os rochedos do Carmelo.

Ao norte, depois de ter admirado os alvos cumes da alta Galiléia, a vista descansa nos cimos do Hermon, quase sempre cobertos de neve.

Do lado do nascente, o olhar se perde no lago imenso de Tiberíade e divisa o Jordão a serpear pelos vales verdejantes. [1]

No sul, erguem-se o Tabor de comovente lembrança, e atrás, paralelas, as montanhas de Gelboé, as serras azuladas da Samaria, formando como um círculo imenso em redor do vale de Esdrelon.

Fitemos agora o quadro risonho que se desdobra aos nossos pés. Em frente está sentada a cidade de Nazareth, coroada de luxuriantes vinhedos, de limoeiros, de romanzeiros e de olivais.

As casas, feitas de pedras calcárias, vão subindo em escada numa pitoresca desordem. De longe parecem flores brancas, inclinando a cabeça por cima de um ramalhete de verduras. [2]

A pequena cidade bem mereceu seu nome, pois, *Nazareth* em Hebraico, significa: “Cidade de flores”. Uns autores [3] lhe dão também a denominação de: “Flor de Galiléia”.

É mister confessar: nunca nome mais gracioso achou melhor aplicação. Neste lugar devia desabrochar, sobre a haste de Jessé, a flor por excelência: a Virgem de Nazareth.

Um pouco atrás, encostado à montanha, distingue-se o venerando Santuário, onde o Verbo Eterno baixou do Céu, para revestir a nossa carne, fazendo-se homem como nós. Ali o Soberano do mundo passou a parte mais importante de sua vida mortal.

A maior parte das casas de Nazareth são dispostas no declive da montanha alumiado pelos raios do sul, e possuem, atrás, uma gruta subterrânea [4].

---

[1] Dr. Sepp: Jerusalém, Tom. II, p. 89.
[2] Meslim: Les licux saints, Tom. III, ch. XXXVI.
[3] Cfr. S. Hieron: Epist, ad Marcell.
[4] Dr. Sepp: Ibip, p. 79.

Eis Nazareth! Esta Nazareth, a que desprezavam os Doutores e os Pontífices dos Judeus: *"Uma coisa que vale, pode lá sair de Nazareth!"* diziam eles.

Pois, é neste lugar esquecido, desprezado, que o nosso Redentor passará mais de vinte anos desta vida, da qual cada minuto devia salvar o mundo.

É lá que os anjos admirarão a criatura mais perfeita, mais formosa e mais pura que a terra produziu.

É lá que o homem, resgatado e cristianizado, irá buscar a família exemplar, sobre a qual ele poderá formar a própria família.

É lá que Deus apresentará ao mundo o ideal da infância, da adolescência, do operário e da mãe digna deste nome.

É lá enfim, que o Eterno concentrará seu amor e a plenitude de seus dons para aformosear sua predileta... Aquela que Ele afeiçoa sobre todas as criaturas e que quer ver amada com um amor e uma ternura sem iguais na terra.

Compreendeis agora, caros devotos de Maria, o que revela esta simples invocação: *Virgem de Nazareth*?

Resolução: Repetir algumas vezes durante o dia, representando-se na pequena cidade habitada por Maria: Ó Virgem de Nazareth, sede meu exemplar e meu refúgio!

Capítulo 2

A Casa Santa

Já conhecemos a cidade que devia transmitir o seu nome à Virgem Imaculada, e nos dar ocasião de aclamá-la sob o título de Virgem de Nazareth.

Fitemos ainda o olhar sobre a casa, que abrigaria a linda flor do Céu e seria testemunha muda das maiores maravilhas.

Não se pode contemplar bastante este quadro risonho, pois, nos desígnios de Deus, não só pregam os pequenos fatos, mas quando se trata de Nazareth, tudo fala, tudo destila alguma coisa da doutrina celeste que Jesus vinha trazer ao mundo.

Dizem-nos as informações da arqueologia que as casas de Nazareth eram pequenas, construídas de tijolos ou de pedras miúdas, de um só andar e cobertas em forma de terraço. Estes tetos eram rodeados de uma platibanda ou parapeito: assim o queria a lei.[1]

Alem disso, todas as habitações encostadas à montanha possuíam uma ou mais grutas talhadas no rochedo. As raras e estreitas janelas, sem vidraças, neste tempo desconhecidas, eram guarnecidas de gelosias, de grades ou de cortinas. No interior faltava a lareira: usava-se fogões de terra para cozinhar os alimentos. Durante o inverno, bastante rigoroso na Palestina, aquentavam-se com braseiros. [2]

[1] Deut. 12. 8
[2] Fleury: Moeurs dês Israélites. Ch. II

A simplicidade dos Israelitas nos deixa crer que não tinham muitos móveis. Para termos idéia da mobília, julgada suficiente nas casas dos judeus, bastam as palavras da Sunamita, dando asilo ao Profeta Eliseu: *"Façamos, dizia ela ao seu marido, um pequeno cubículo para este homem de Deus, e nele coloquemos uma cama, uma mesa, um tamborete e um castiçal".*[3]

As camas, em geral, eram muito simples: o povo não conhecia outra coisa além do tapete de lã grosseira, das esteiras de junco ou de folhas de palmeiras. [4]

Quanto às mesas, os Israelitas tomavam as refeições sentados em tamboretes baixos, conforme o costume do Egito. Só os ricos se deitavam em poltronas. [5]

Os castiçais, de que se fala na história de Eliseu, eram provavelmente desses que se colocam na terra, para aí suspender uma ou mais lâmpadas, pois, neste tempo, na iluminação de casas, usava-se somente óleo. [6]

Depois destes pormenores sobre as habitações judaicas, em geral pormenores esses aplicáveis à pequena morada de Nazareth, convém delinear, segundo as investigações arqueológicas, a fisionomia da Casa Santa.

A casa exterior, construída de pedras miúdas, tinha 9 metros e 50 centímetros de comprimento, sobre uma largura de 4 metros e 15 centímetros. Era de um só andar, com um teto em eirado, apresentando assim a forma de cubo. [7]

---

[3] 4 Reg. IV. IO
[4] Fleury: Op. cit.
[5] Dr. Sepp: Op, cit. Tom. VI. C. XII.
[6] Fleury: Ibid.
[7] Cfr. A nossa obra em francês: *A l'école de Nazareth*, estudo prático sobre a vida e a imitação da Sagrada Família. Téqui. Rue Bonaparte 82. Paris.

A porta comum, à gruta e à parte construída, abria-se ao poente entre a parede e o rochedo. A gruta tinha cerca de 2 metros de profundidade e 5 de largura.

O sacerdote Phocas relata que um canto desta gruta serviu de cubículo ao divino Redentor.

A oficina de S. José não era contígua à habitação. Cento e trinta até cento e quarenta passos separavam-na dela. Era uma sala baixa, de 4 metros, mais ou menos em quadrado.

Um banco de pedra colocado perto da entrada, protegido dos raios abrasadores do sol por uma espécie de toldo, oferecia ao transeunte um lugar de frescura e de repouso.

Dez minutos mais longe achava-se o poço, que ainda hoje, conserva o nome de “poço de Santa Maria”.

Como todas as mulheres de Nazareth, a divinal virgem ali buscaria água para o consumo da família.

Eis a casa, a espécie de palacete onde nasceu a Virgem sem mancha [8]; onde se realizarão tantos mistérios e se prepararão tantas coisas sublimes.

É lá que deve florescer a haste de Jessé, sobre a qual desabrochou a flor imaculada que se chama Maria!

Ó meu Deus, quão pequenas não são estas imensidades!

O mundo indaga das habitações luxuosas. Muitas vezes, debaixo de trajes, falazes ou atrás de opulência doirada, ele oculta miséria profunda, nostalgia incurável, ao passo que Nazareth sob um interior modesto, pobre, quase miserável, abriga beleza, graça e poder num grau incomparável.

---

[8] A opinião que considera Nazareth como a cidade natal da Santíssima Virgem é a mais provável. Três outras cidades pretendiam esta honra: as de Séphoris, Belém e Jerusalém. A opinião que faz de Nazareth o lugar do nascimento da Mãe de Deus é afirmada por São Jeronimo *(De ortu B. M. V.)* por São Fulberto (*Sermo 2 de Nat. B. M. V.*) por Adrichono (*Chr. ad ann. 3945*) e finalmente pela Igreja mesma no *Ofício da Santa Casa de Loreto*; nas Bulas de *Sixto* v, *Inocêncio* XII, *Pio* IX, *etc.* É mister reconhecer, então, com os Bolandistas (*Acta S. S. da 20 Martii*) à cidade de Nazareth, a honra incomparável de ter visto nascer a Bem-aventurada Virgem Maria.

São as duas cidades, das quais fala Santo Agostinho, em frente uma da outra; são dois reinos que nunca pactuarão no mesmo amor: Deus e o mundo.

Resolução: Escolher para exemplar de sua vida, o interior de Nazareth, colocando no lugar de honra uma imagem da Santíssima Virgem, para que tudo se passe sob o seu olhar e se penetre de sua influência.

Capítulo 3

Conservação da Casa Santa

Para não sermos obrigados a voltar mais tarde sobre o assunto principiado, completemos a história da Casa Santa até aos nossos dias.

Depois da morte do Salvador, os Apóstolos e os primeiros cristãos cercaram-se de respeito e de veneração. Pode-se acreditar também que a Santíssima Virgem, quando lhe foi possível, visitou este lugar sagrado e santificado por tantos e tamanhos mistérios.

Transformada em santuário, durante a vida de Maria, esta santa habitação, em todos os tempos, foi centro de piedosas peregrinações e fonte inesgotável de graças.

A Santa Casa da Virgem de Nazareth ainda existe. Era conveniente que Deus não deixasse entre as garras destruidoras do tempo um santuário, onde a Imaculada lançara para o céu seu primeiro suspiro de amor; donde o humilde São José se alara para melhor vida; onde o anjo Gabriel saudara “cheia de graça” aquela que Deus escolhera por Mãe; onde Jesus, enfim, tinha passado uma parte de sua infância e toda sua adolescência.

Este lugar sagrado existe ainda célebre e venerado como sempre. Depois de o Oriente ter caído nas mãos dos infiéis muçulmanos, Jesus Cristo lhe tirou a casa materna, para transportá-la na Europa, à beira do Mar Adriático.

Há diversos séculos já, que está lá sobre o outeiro de Loreto, numa extensa e esplêndida Basílica. Milhares de

peregrinos ali acorrem, felizes de repetir a *Ave-Maria*, entre as mesmas paredes que ouviram, pela primeira vez, a saudação do Anjo; felizes ainda de beijar estas paredes sobre as pedras seculares.

A transladação da Santa Casa de Nazareth é um fato dos mais autênticos e dos melhores provados. Resumamos-lhe a história, segundo a douta dissertação do Papa Bento XIV.[1]

Foi no ano 1291, época durante a qual a Síria foi destruída pelos maometanos, que Deus, querendo subtrair a santa casa às profanações dos infiéis, fê-la transportar milagrosamente pelos anjos, em terra cristã.

No dia 10 de março de 1291, os habitantes de Tersate, em Dalmácia (Itália, hoje Áustria) avistaram, de repente, em cima de um outeiro, plantado de árvores, uma casinha, que até então nunca ninguém vira.

O edifício construído de pedras miúdas, vermelhas, de forma oriental, tinha só uma porta e uma janela, e sem alicerces estava depositado no chão.

O interior era o de uma pobre habitação, transformada em santuário. As paredes eram cobertas de pintura, representando os mistérios de Nazareth. Um altar de pedra estava encostado na parede em frente da porta.

Ao lado do altar havia um pequeno armário, com utensílios de casa. À esquerda, numa espécie de nicho, estava colocada em cima de um pedestal alto, uma estátua cedrina, de tamanho natural, representando a bem-aventurada Virgem, de pé, com o Menino Jesus nos braços.

O boato do prodígio espalhou-se no país inteiro, mas ninguém soube dizer donde vinha este dom do Céu. Um segundo prodígio explicou o primeiro. O bispo de Tersate,

[1] De festis. lib II c. XVI. De festo translationis almae domus Lauretanae.

desde muito tempo afligido por doença cruel, estendido numa cama de dor, foi presenteado com uma aparição de Deus. Maria revelou que esta casa era sua, que nela nascera e que nela habitara durante muitos anos com seu divino filho. Deus quis subtraí-la às profanações dos infiéis, acrescentou a aparição, e, como penhor da verdade de suas palavras, predisse ao bispo um próximo restabelecimento. De fato o prelado, de repente, recobrou a saúde.

Impossível a dúvida. A população inteira, à vista do milagre e em favor de seu bispo, acreditou na autenticidade do fato.

Todavia o acontecimento era bastante importante, e merecia séria verificação, por um exame dos lugares deixados, na Palestina, pela Casa Santa.

De ordem do Governador da Dalmácia, três notabilidades, às quais se juntara o bispo, partiram para a Terra Santa. Lá descobriram que a casa da Santíssima Virgem desaparecera de Nazareth, na época exata em que fora vista perto de Tersate; observaram também que os alicerces da casa desaparecida estavam em justa proporção com a parte inferior dos muros do santuário. Nenhuma diferença notaram quer na extensão, quer na natureza das pedras.

Fizeram um relatório autêntico, que assinaram os quatro legados, e confirmaram pelo juramento.

Ainda três vezes a Casa Santa foi transportada milagrosamente pelos anjos. A última vez depositaram-na em Loreto, aonde faz seiscentos anos que o povo cristão acorre de todas as partes, para venerar esta relíquia, única no gênero, no universo inteiro.

É lá que foram erguidos, mais tarde, os edifícios que hoje cercam a casa santa de Nazareth. Esplêndida Basílica, na construção da qual a arte tirou proveito de todos os seus recursos, sobre a humilde morada de Maria.

Nazareth mostra sempre aos peregrinos a gruta à qual esteve encostada a casa transferida para Loreto. Esta gruta foi mudada num santuário, desobrigado hoje, pelos Padres Franciscanos.[2]

Agora que suficientemente conhecemos a morada da Virgem de Nazareth e o que a ela se refere, será fácil darmos conta da vida que passou ali a divina Mãe de Jesus.

Resolução: Lembrêmo-nos algumas vezes de um axioma da Imitação de Jesus Cristo, auferindo-o diretamente do que dissemos da casa santa de Nazareth: “não são os lugares que santificam os homens, mas os homens que santificam os lugares”.

[2] De três séculos para cá viram-se chamas, descidas do céu em diferentes partes do horizonte, reunir-se e concentrar-se, em cima do Santuário de Loreto. Este prodígio que se reproduzia cada ano, na festa da Natividade da Santíssima Virgem (8 de setembro) e que não se manifestou tão regularmente desde 1534, se reproduziu ainda depois desta época.

Capítulo 4

A Vida da Virgem de Nazareth

Lembra-me ter lido, conta Louis Veuillot, que um dia se viu chegar no céu, uma alminha desconhecida. Entrou diretamente, sem ter experimentado fadiga, sem ter derramado lágrima, sem ter sofrido calamidade, sem ter feito coisa alguma de extraordinário.

O Salvador assinalou-lhe um trono muito glorioso, e... na assembléia dos santos houve um como sussurro.

Os olhos dirigiram-se para o anjo da guarda, que conduzira esta alma. O anjo inclinou-se perante Deus, obteve licença de falar à corte celestial, e dos seus lábios caíram, mais leves que o farfalhar das asas de uma borboleta, as palavras, que todos os habitantes do céu compreenderam:

"Esta alma sempre aceitou de boa vontade tudo o que Deus lhe mandou de sol, sombra e poeira, e nunca recusou coisa alguma que não ofendia ao Senhor".

Esta piedosa ficção do celebre jornalista católico não é, sob diversos pontos de vista, aplicável à Santíssima Virgem de Nazareth, mas, por um lado, simboliza perfeitamente as virtudes da Mãe de Jesus: sua completa submissão à vontade de Deus, no cuidado, na aplicação constante em sacrificar tudo o que lhe mandava o Senhor.

Em Nazareth nada há de cintilante, de estrepitoso, de extraordinário; antes de tudo é o cumprimento fiel dos deveres do estado, sob o olhar de Deus, num espírito íntimo de oração e de humildade. Toda a vida da Santíssima Virgem ali está, porque ali está toda a perfeição, toda a santidade.

Em nossos dias facilmente fica esquecida esta verdade. Só se ambicionam virtudes de aparato, brilhantes aos olhos de todos. E, sob pretexto de adquiri-las, facilmente se descuidaria de práticar estas pequenas virtudes, e se deixaria de cumprir os deveres de estado.

Em Maria, nada se nota deste desejo vão de aparecer, de mostrar-se. Ela era *Mãe*, e exatamente cumpriu com os deveres deste estado; era *esposa*, e como tal, sempre procurava fazer a vontade de São José; era *dona de casa*, mas não receava preencher as funções mais humildes e mais abjetas.

Tal se apresenta a vida de Maria Santíssima; vida que geralmente não penetramos bastante, nem consideramos do lado prático.

Parecemos temer rebaixar demais a Mãe de Deus, mostrando-a pobre, humilde, simples mulher do povo. Todavia, segundo a sua própria palavra, é esta humilhação que constitui o pedestal de sua grandeza. Ela não é tão grande... Deus não fez em seu favor tantas coisas, senão porque ela se humilhou mais do que podemos imaginar. É o sentido do: *Respexit humili tatem ancillae suae!*

E esta humildade, esta singeleza da Mãe de Deus cifram-se na sua fidelidade às coisas comuns de sua vida, exteriormente ainda mais comum.

Se considerarmos o lado natural desta vida tudo parece vulgar, acanhado, sem horizonte!

Como Mãe, cuida do filho; como esposa, ajuda ao marido; como dona de casa, trabalha, limpa, compra o necessário para a família. Depois... mais nada; nada que saia da linha de conduta de Mãe vigilante, de esposa fiel e de trabalhadora séria e ativa.

Se alguém tivesse dito às vizinhas com as quais ela privava cotidianamente: “esta Maria, esposa do carpinteiro José e mãe de Jesus que todos conhecem, esta mulher com quem

tantas vezes falastes, e com quem, todos os dias, ides buscar água ao poço; esta Maria quieta, modesta, amável, é a Mãe de Deus"; elas ter-se-iam entreolhado com indescritível estupor, e mais, com incredulidade invencível, por não compreenderem duas coisas tão opostas: a grandeza e a humildade reunidas numa só e mesma pessoa.

Estas mulheres vizinhas não compreenderiam como nós também dificilmente compreendemos. Apraz-nos considerar em Maria a Rainha Majestosa; a Virgem sem mancha; a Mãe extremosa, de coração e olhos elevados para uma região que não é ainda a nossa; a alma cheia deste não sei que do Céu que não é ainda a beatitude, mas já lhe é um antegosto e uma preparação como que imediata a ela.

Maria Santíssima, considerada sob este aspecto, agrada ao nosso espírito desejoso de sobrenatural. Sem dúvida, o amor se deleita em sublimar o objeto de sua ternura, mas nesta idealização vai um erro, talvez tão desastroso quão atraente.

A Santíssima Virgem não passa então de ideal, que se admira, que se contempla de longe, que se almeja possuir sem jamais alcançá-lo. Mas ela deixa de ser um exemplar, que incessantemente devia estar colocado diante dos nossos olhos, como convite a reproduzirmos uns lineamentos de suas incomparáveis virtudes.

A Virgem de Nazareth, antes de tudo, deve ser um *exemplar*, um *modelo*. Modelo que nunca, sem dúvida, poderemos igualar, mas do qual nos devemos aproximar, quanto permita nossa fraqueza.

É mister notá-lo: este exemplar não é abstrato, nem afastado; está perto de nós, está em cada um dos nossos deveres de estado. Estimar estes deveres por mais humildes que sejam; cumpri-los como a Santíssima Virgem os cumpriria sob o olhar de Deus, constitui simultaneamente a imitação

de Maria e a prática de todas as virtudes. É assemelhar-se à Virgem Imaculada e fazer reviver em si o Salvador Jesus.

Convençâmo-nos profundamente desta verdade que revela o segredo de santificar-se sem fazer nada de extraordinário; que contém ainda o meio mais fácil de amar e de *viver* a sua vida; cumprir com exatidão todas as obrigações impostas por ela.

Resolução: Considerar a sua posição como sendo aquela que Deus lhe outorgou; e os deveres inerentes a esta posição como sendo os meios de santificação propostos por Deus mesmo. [1]

[1] Não é necessário lembrar que não falamos aqui das aspirações a uma vida mais perfeita, caso a pessoa ainda não esteja definitivamente colocada. Assim, a virgindade praticada no mundo é superior ao matrimônio, e a vida religiosa é superior a todos os outros estados. Cada um, enquanto não o possa realizar, deve cumprir com os deveres do estado em que se acha colocado.

Capítulo 5

As Ocupações de Nazareth

O que acabamos de dizer da aplicação com que a Virgem de Nazareth se desempenhava de todos os deveres de seu estado, basta largamente para dar-nos uma idéia do modo como corriam os dias neste santo lar.

O tempo estava repartido – como deveria estar por toda alma desejosa de santificar-se – entre o trabalho, a oração e os atos de caridade. Veremos sucessivamente estes diversos aspectos da vida da Virgem de Nazareth. Por enquanto ponderemos as diversas ocupações diárias da Mãe de Jesus, principalmente as que diferem dos nossos costumes. Firmar-nos-emos só nas investigações dos historiadores e arqueólogos, que mais fielmente descreveram os usos e a índole destes tempos antigos.

"Nas famílias judaicas, quer pobres quer opulentas, diz Fleury [1], *a mulher estava encarregada dos cuidados do interior. Era ela que amassava a farinha, assava o pão e preparava as refeições".*

"Não só os aprestos das refeições comuns, mas todos os trabalhos sedentários estavam exclusivamente ao cargo da esposa. Eram as mulheres que teciam os vestidos. Umas aperfeiçoavam-se, até fabricarem túnicas inconsúteis; outras

[1] Fleury: Op. Cit. C. XIV.

eram habilíssimas em traçar esteiras; outras ainda distinguiam-se na fiação de tecidos finos, estimados em todo o Oriente, e muito procurado pelos negociantes estrangeiros [2]".

"A exemplo de todas as mulheres de Israel, diz ainda um sábio [3], *a Santíssima Virgem vivia em seu casebre de Nazareth, sempre ocupada dos pacíficos cuidados de família. Pelas próprias mãos, ela aprontava as refeições de Jesus e de José. Amassava o pão, cozinhava e punha sobre a mesa os frugais alimentos, destinados à sustentação cotidiana".*

"Como as outras mulheres, ela ia ao poço público, tirar a água para a família. A fonte, donde a Santíssima Virgem hauria água, é o único poço de Nazareth hoje conhecido. Ali se encontram continuamente mulheres que vão buscar a água doce e cristalina do 'poço de Maria', qual em nossos dias ainda se chama. Elas colocam sobre a cabeça grandes urnas de barro, segundo o costume antigo, e as levam da maneira mais destra e pitoresca".

Que espetáculo para os anjos, vendo sua Rainha em tamanhas humilhações! Mas ali não havia humilhações para ela, havia grandeza. Quem por si mesmo e de própria vontade se inclina, não se avilta nem se desonra, mas se engrandece e se enobrece. *Qui se humiliat exaltabitur*, quem se humilha será exaltado, e isto em proporção do seu abaixamento.

Ser grande, ser honrado, não é nada: é um dom de Deus; mas abaixar-se na grandeza, é uma coisa grande, porque é virtude.

Os anjos não estranharam. Admiravam, exaltavam, aplaudiam a Virgem Santíssima como sua Rainha, tanto mais quanto a achavam mais abaixada, mais humilhada, mais imperceptível aos olhos dos homens.

---

[2] Bourassé: Hist. De la Vierge Marie. Ch. XIV.
[3] Dr. Sepp: Jerusalém. Tomo Iipag. 85.

Não esqueçamos que a cidade de Deus é o oposto da cidade do mundo. Por conseqüência, mais uma alma se julga pequena, abjeta, tanto mais ela sobe perante Deus. Pelo contrário quanto mais ela brilha no mundo, e se cerca de perfumes e do incenso que este último queima aos seus adoradores, tanto mais ela desaparece aos olhos do Altíssimo, e se encurta, e chega a este *nada*, de que fala Santo Agostinho: *sun cum nihil ante Te!* (Cf. Sf. Aq)

Oh! como compreendia estas divinas verdades, a doce e amante Virgem de Nazareth! Como se penetrara delas; e como impregnava delas a vida inteira!

Sabia-se Rainha, sabia-se Imaculada, muito querida de Deus, Mãe do Altíssimo, destinada à exaltação por todos os séculos. Cantara ela mesma este futuro glorioso, na profecia inaudita do Magnificat: *Et beatam me dicent omnes generationes*. Maria sabe tudo isso, parece sabê-lo só para abaixar-se mais, para abismar-se nas ocupações, que, exteriormente, parecem contradizer sua alta dignidade.

Um dia, *há de ser Rainha*, no entanto se afadiga como trabalhadora humilde e pobre; os dias decorrem-lhe nos mil pequenos pormenores necessários que se chamam *cuidados de família*.

Para ela, reinar é servir. E à proporção que Deus lhe mostra o esplendor de seu reino futuro, ela se esmera em servi-lo humilde, cansando o braço num labor incessante, magoando os pés virginais contra as pedras do caminho, calejando as mãos nos trabalhos próprios do seu sexo.

É a *parenta da Santíssima Trindade*, e aqui na terra, está ligada à condição dum pobre operário. Serve-o, obedece-lhe, cerca-o de afeição e de carinho e, para aliviá-lo, chega a tomar parte em seus duros trabalhos.

É *Mãe de Deus:* compreende todo o valor e toda a extensão desta dignidade. Todavia não quer aparecer senão como mãe

de um menino meigo, puro, afável, pacífico, mas obscuro e sem pretensão à melhor sorte. Vela sobre Jesus; segue-o com o olhar e com o coração; instrui-o, ensina-lhe a rezar e a trabalhar. O mundo diz: é ela uma boa dona de casa, uma esposa fiel, uma mãe de família conscienciosa. E lá nas alturas – mas muito alto, para os homens os não ouvirem – os anjos cantam: *Salve Regina..., Mater Dei! Salve Rainha... Mãe de Deus!*

Oh! nós também, filhos piedosos de Maria, amemos como nossa Mãe os humildes afazeres da vida cotidiana. Não são as ações, as ocupações que santificam ao homem: é o homem que deve santificar tudo o que faz. Pela intenção pura de agradar a Deus, de glorificar a Deus, ele deve mudar tudo, até as minúcias mais ínfimas da vida, em moeda de mérito, com que comprará a glória do Céu.

É um caminho de salvação, tão fácil, tão suave! Basta notar que aquela trilha foi seguida pela Virgem de Nazareth, que nos convida a imitar-lhe o exemplo.

Resolução: Apliquêmo-nos a fazer bem o que temos de fazer: *age quod agis*. Façâmo-lo em união com Maria; com a intenção de agradar a Deus nas coisas mais insignificantes da nossa vida, como sejam: o levantar, o deitar, as refeições, os trabalhos de casa, etc, etc.

Capítulo 6

A serva do Senhor

Ecce ancilla Domini! Eis aqui a serva do Senhor! respondeu a Virgem Imaculada ao Mensageiro Celestial que vinha anunciar-lhe, da parte do Altíssimo, a escolha que dela fizera para Mãe de Deus.

Ser a Mãe de Deus! É uma dignidade... e dignidades a humilde Virgem não as ambiciona. Ser a serva de Deus, ao contrário, é um ônus; e este ônus a Virgem o deseja com todas as veras de sua alma.

A serva pela sua fidelidade, zelo, comportamento, exalta ao seu senhor. A Mãe participa das honras do filho. É o filho, que sobre ela faz recair sua própria glória... Ela não dá nada, mas recebe tudo.

É por isso que a Imaculada responde ao Anjo, não como podia esperar-se: “Sou indigna de ser a Mãe de Deus!” mas simplesmente: “Eis a serva do Senhor! Quer dizer: Não almejo senão uma coisa: glorificar a Deus, e para este fim estou pronta a tudo. A glória que me anuncia nada é para mim; só estimo o que me permite servir e exaltar a Deus: *Fiat mihi secundum Verbum Tuum!* Se a maternidade divina é um meio de ser mais completamente vossa serva, ó Deus, *faça-se em mim segundo a Vossa palavra!*

Não estranhemos, então, ver a doce Virgem de Nazareth, humilde serva do Senhor. Escutemos sobre o assunto uma página admirável de São Boaventura, a descrever a vida de Nazareth.

"Ó feliz José, diz ele, [1] *vivia como podia, da profissão de carpinteiro! Os trabalhos de costura e da roça forneciam um pequeno lucro à Santíssima Virgem; além disso, ela se ocupava dos cuidados da casa, os quais, como se sabe, incluem variada multiplicidade. Ela preparava as refeições para o esposo e filho, encarregava-se também de todos os demais misteres domésticos pois não tinha empregada.*

"Comovei-vos ao vê-la assim rebaixada até fazer tudo pelas próprias mãos, compadecei-vos da sorte de Jesus que consente em ajudá-la, e em dar-se com zelo a todas as ocupações de que era capaz, pois, como ele mesmo o declara: viera para servir e não para ser servido".

De fato, ajudava ele sua Mãe, pôr a pobre mesa, tratar da limpeza e das outras necessidades da família.

"Considerai-o a desempenhar em casa os mais humildes deveres e ao mesmo tempo, não percais de vista sua Mãe Santíssima".

"Notai também como todos os dias Jesus, Maria e José assentam-se à mesma mesa, para tomarem juntamente, não uma comida fina e deliciosa, mas grosseira e frugal e, como depois, entretêm-se, não em discursos fúteis ou ociosos, mas repassados de sabedoria e de ciência divina, de modo tal que, não menos do que o corpo, se acha refocilada a alma".

"Depois de uns instantes de descanso, retiram-se a seus humildes aposentos, para ali fazerem as suas orações. Longe de ser espaçosa, a casa que ocupavam era muito pequenina. Entrai, em espírito, nestes aposentos, pois cada um tem uma cela para si".

[1] S. Bonav: Méd. vit. Chr. CXV.

"Contemplai de noite, Nosso Senhor Jesus Cristo, depois da oração, estender-se sobre a terra, para ali passar suas noites, durante tantos anos, tão miseravelmente como o mais pobre dos homens".

É possível, ó meu Deus, ter-se a tua vida revestida de um exterior tão vulgar, tão baixo; digamos a palavra: tão miserável?

E perto dele vivia esta criatura tão bela, pura e radiante de virtudes. E o mundo passava indiferente e distraído perto de tal espetáculo! Nem desviava a vista para contemplar uma vez esta virgem, e ler no olhar límpido do Filho de Maria uma das iluminações de eternidade que nele se refletiam em doçura, pureza e amor. Não! o mundo nada viu, nada compreendeu disso, porque a Santíssima Virgem se tinha feito serva, e, como tal, servia a Jesus, servia a José, servia a todos aqueles que se aproximavam, ocultando assim sob as aparências de serva, a grandeza e o poder: *"formam servi accipiens"*. Que e quantas lições para nós!

Nossa incorrigível mania de aprazêrmo-nos no que não é nosso, de desejarmos estar onde não estamos e de acreditarmos que só lá poderemos salvar-nos eficazmente, faz-nos perder de vista a nossa posição atual, faz-nos descurar as ações comuns e cotidianas.

Quantas pessoas, infelizmente, embasbacaram ante uma perfeição heróica, falaz, num estado que não era o seu, descuidando-se de sobrenaturalizar o que tinham ao seu alcance!

Talvez seja um dos artifícios mais pérfidos e mais astuciosos de nosso eterno inimigo, artifício tanto mais desastroso quanto é dirigido geralmente às pessoas superiores, generosas, sedentas de ideal e santidade.

Não, não! oh alma iludida, lá não está a perfeição!

Olha para a Virgem de Nazareth, e lembra-te de que ela, sendo *aparentada de Deus*, aparece, perante os homens, *qual pobre mulher.* Faça-te tal exemplo calcar aos pés qualquer sonho e aspiração a outra vida que não esta que Deus te destinou [2].

Santifica a tua vida. Tira dela todo o proveito que pode dar. Em tudo, faz-te a serva do Senhor. Sua serva para servi-lo no seu corpo místico, que é o próximo, o pobre, principalmente; serva para esconder-te, obedecer e dedicar-te no esquecimento, e, sendo mister, na ingratidão.

Resolução: A exemplo da Virgem de Nazareth, façamo-nos servo ou serva de Jesus, nas pessoas daqueles que nos cercam, e lembrêmo-nos desta nossa resolução quando o sino toca o Anjo do Senhor.

[2] Todos bem compreendem que não se fala aqui da aspiração a uma vocação superior, mais santa que a vida cristã no mundo. Estas aspirações, não só não devem ser desprezadas, mas alimentadas, desenvolvidas, e, sendo possível, postas em execução. Por exemplo: a aspiração à vida religiosa, é um apelo de Deus que se deve seguir quanto antes. Todavia, esperando o momento da execução, não se deve duvidar de santificar o estado no qual nos achamos colocados. A fidelidade aos deveres do momento é uma das marcas mais seguras da vocação verdadeira, divina, diferente do entusiasmo momentâneo e das aspirações ilusórias.

Capítulo 7

A vida retirada de N. S. de Nazareth

Hoje o mundo só quer brilhar. O mistério da vida retirada da Virgem de Nazareth, sob este ponto de vista, merece considerações particulares, que nos indicarão um antídoto contra o nosso inato pendor de aparecermos e de sermos aplaudidos.

Maria Santíssima quis viver retirada, escondida. Vivera desse modo desde os seus mais tenros anos. Mal desabrochara na nossa terra sua celesti al beleza, mal seu olhar se abrira à luz do dia, e já a Virgem santa queria viver *escondida*; escondida na *casa de seus pais* primeiramente, escondida *no templo* em seguida, donde ela só sairia para se esconder de novo *em Nazareth*.

Oh! só as almas puras sentem a necessidade da vida retirada! São elas semelhantes a estas mimosas flores que se abrem pela manhã, a um beijo do sol nascente, mas temem o pó do caminho, o sopro da mais fraca aragem e o contato de uma leve roçadela.

As almas frívolas, vazias, mundanas, ao contrário, parecem viver só no dia claro, na luz intensa, expostas a todos os perigos e a todos os ventos.

Ai delas! Vivem realmente? Já se separaram da haste, e a sua vida não se mantém mais senão como a frescura das flores colhidas, enfeixadas em ramalhete, numa mesa de festim. A vida destas almas é fictícia, e cada dia as aproxima do desbotamento final.

Em Maria Santíssima a vida era abundante, intensa. Sempre, em todo lugar a Virgem era unida a Jesus não só como o galho jungido ao tronco, que lhe comunica seiva e vida, senão como mãe unida ao filho: pelos laços da vontade e da afeição mútua.

Maria só vivia de Jesus e para Jesus. Podia ela dizer, em todo o rigor, o que São Paulo dirá mais tarde de si mesmo: *Mihi vivere Christus est!* Minha vida é o Cristo.

Precisar-se-ia bem penetrar o sentido desta palavra. A vida de Maria era o seu Jesus. De fato, o que constitui a Virgem de Nazareth, a saber: a Imaculada, a muito Amada do Altíssimo, a futura Rainha do Céu e da terra, é unicamente a sua qualidade de Mãe de Deus. Suprimam a maternidade divina: Maria não é mais nada, não tem razão de ser.

Recebe tudo, absolutamente tudo, de sua dignidade de Mãe de Deus. Jesus é tudo para ela: sua vida é Jesus.

E esta vida, Maria bem o sabe, ela não pode tê-la intensa, completa, senão ficando unida a seu Jesus, do modo mais íntimo. E onde é que achamos a Deus? Na calma; *"non in commotione Deus"*; na vida retirada, obscura, escondida.

Jesus só está lá: é lá então que deve estar a sua mãe; é lá também que devemos estar, se queremos participar da vida de Jesus.

É necessária aqui uma observação importante.

A vida *retirada*, a vida de recolhimento, de intimidade com Deus, *não é necessariamente uma vida isolada*, separada do comércio dos homens. Se assim fosse, a vida retirada se tornaria privilégio exclusivo dos monges, dos eremitas, dos contemplativos.

A solidão e a contemplação, não se pode negá-lo, são meios poderosíssimos para alimentar a vida retirada, para desenvolvê-la e tirar dela todos os frutos, mas não são

necessários ao ponto que, sem eles, fique impossível tal vida. Há outros meios, menos poderosos, mas também eficazes, suficientes para alcançar a meta almejada.

A Virgem de Nazareth vivia completamente retirada, e, todavia quem ousaria afirmar que ela não travou, com seus vizinhos e conhecidos, relações freqüentes de caridade? A visita feita a Santa Isabel nos fornece disto prova irrefutável.

Maria Santíssima, sem dúvida, diariamente recebia visitas, ora em conseqüência da profissão de São José, ora pelo atrativo de sua bondade, de sua doçura, de sua sabedoria sobrehumana e de sua arte consumada em consolar.

A Imaculada falava, alentava, visitava, a domicílio até, as almas aflitas e sofredoras, para trazer-lhe, num sorriso de ternura e de benevolência, a esmola espiritual que reconfortasse a alma e o remédio que curasse o corpo.

A Virgem amável não era nem taciturna, nem retraída; era boa, extremamente boa, delicada obsequiadora. Era a providência visível dos pobres, o anjo de caridade dos ricos.

Mas, no meio destas ocupações, a Mãe de Jesus ficou escondida, retirada, porque não agia com a intenção de aparecer ou de ser aplaudida. Seu coração não se separava do coração de seu Filho.

Em casa, servia a Jesus; ao redor dela, perto dos pobres, ainda servia a Jesus, na pessoa dos enfermos e necessitados. *Era sempre Jesus que ela achava, amava*, com quem ela vivia retirada, escondida.

Que lição para o nosso orgulho! A primeira idéia que temos de vida retirada: queremos romper com tudo, isolar-nos de tudo, ligando-nos as mãos, a fim de não fazer mais nada para Deus, como se a vida retirada fosse um estéril e vão repouso.

Não! não! Esta não é a humildade que se esconde. Podemos nos trancar numa célula entaipada, e estar de espírito e de coração no meio do mundo. Podemos, pelo

contrário, permanecer no nosso lugar, nos nossos deveres diários, quaisquer que sejam, e ter vida completamente retirada. De fato, notai esta palavra de S. Paulo: *Et vita mea obscondita est cum Christo meo.* A minha vida é escondida com o Cristo meu.

Ser escondido com o Cristo é ser unido a Ele, é trabalhar para agradar-lhe, é fazer em tudo a sua santa vontade, sem ostentação e sem segunda intenção.

Esta vida retirada é possível a todos. O exemplo da Virgem de Nazareth torna-se universal, aplicável a todos os estados, a todas as vocações e a todas as condições.

Resolução: Conforme o exemplo de nossa querida Mãe, vivamos sempre na intimidade de Jesus, esquecidos de nós mesmos, para promovermos os interesses do divino Salvador.

Capítulo 8

A Imitação da Virgem de Nazareth

Até agora só consideramos um dos aspectos gerais da vida da Santíssima Virgem, sem ponderar uma virtude em particular. Era mister conhecermos estes lineamentos gerais, que se podem chamar deveres de estado da Mãe de Deus, para podermos depois mais facilmente apreciar o heroísmo de suas virtudes, e reproduzi-las em nossa vida, muitas vezes semelhante à sua.

Antes de entrarmos nas minudências das virtudes particulares, definamos claramente em que consiste a imitação e como se deve fazer praticamente.

Imitar alguém é procurar assemelhar-se a ele, quanto é possível a dois seres serem semelhantes. Exteriormente é tomar o tom, a voz, o gesto, o andar, daquele que se quer imitar.

Interiormente, é querer o que ele quer, amar o que ama, desprezar o que despreza, aceitar o que ele aceita. É esforçar-se por não ter outros gostos que não seus gostos, outros desejos que não seus desejos. Outros amigos que não seus amigos.

Deste modo é que desejamos nos parecer com a doce Virgem de Nazareth.

Aqui na terra é impossível assemelhar-se a tão bela criatura. Esta aspiração, este almejo do coração, nunca se satisfará neste desterro, nunca, infelizmente, alcançaremos completa parecença com a incomparável Virgem de Nazareth.

Temos a faculdade de amar, apaixonadamente até, mas o nosso amor é, e será sempre, imperfeito – fica no imo do nosso coração uma espécie de necessidade de amar ainda mais. É o que diz um poeta francês:

"Lê coeur emporte au ciel lê doux besoin d'aimer!" O coração leva ao céu a suave aspiração de amar.

Pode-se dizer a mesma coisa acerca da imitação da Mãe de Jesus.

Somente lá em cima, a semelhança será completa, quanto for possível, mas aqui, na terra, devemos principiá-la, devemos colocar as bases, os alicerces: a glória, em seguida, aperfeiçoando a graça, acabará no céu a obra começada nas trevas.

E como imitar a divina Mãe?

Fazendo como o pintor que quer fixar no pano o retrato de uma pessoa cara: *aproximando-se* dela, *examinando-a*, e *reproduzindo-lhe os traços.*

Aproximando-se da Virgem de Nazareth – é ficar perto, bem perto deste celeste modelo e ficar lá o mais possível, com o fim de edificar-se ao espetáculo encantador das virtudes que não cessa de praticar, com tanta perfeição quanta suavidade. É ainda ter no coração o desejo e na alma a paixão de imitar o que nela se admira de aplicável a nosso estado.

Reproduzir a Virgem de Nazareth é prestar ouvido de vez em quando, durante o dia, à voz meiga e atraente da Imaculada que nos sussurra: Meu filho – minha filha – eu teria feito de tal e tal modo; faze como eu! Supera esta impaciência; vence esta sensualidade; doma este orgulho; extermina este amor próprio; suporta silenciosamente esta contrariedade; obedece mais depressa e com mais alegria; sê mais reservado, mais modesto em teus trajes, mais fervoroso em tuas orações.

Um religioso dizia chistosamente que para seguir um modelo de vida sobrenatural, é preciso aplicar o procedimento de que usam os artistas: fazer *subtrações* e *adições*.

O *escultor* procede pela subtração.

O *pintor* procede pela adição.

Devemos esculpir a Santíssima Virgem na nossa alma; devemos pintá-la no nosso coração, no nosso caráter, em todo o nosso procedimento; por isso é mister subtrair, apagar tudo o que afeia em nós o ideal entrevisto: a imagem das virtudes da Virgem de Nazareth.

Devemos também adicionar, quer dizer acrescentar o que nos falta, para sermos parecidos ao nosso modelo: mais respeito, mais submissão, mais fidelidade, mais humildade, mais mortificação, mais dedicação.

Que sublime trabalho!

E este trabalho resultará no inefável ideal de nos tornar semelhantes à divina Virgem Maria. É necessário que, olhando para nós, homens e anjos, possam dizer: sim, é realmente assim que, numa circunstância análoga, se comportaria a Mãe de Jesus!

Não é verdade que nos ufanamos, que somos felizes, quando dizem que nos parecemos com uma pessoa distinta, pela beleza quer física quer moral, pela educação e pela ciência?

Sômo-lo, porque é aspiração constante de nossa natureza o querer elevar-se, engrandecer-se, desejar assemelhar-se, um pouco pelo menos, ao que se admira.

E podemos aspirar a assemelhar-nos a Maria.

Podemos reproduzir sua *Imaculada Conceição*, pela vigilância e a delicadeza em conservar intacto o lírio de nossa pureza.

Podemos reproduzir a *maternidade divina*, fazendo cuidadosa e exatamente a vontade de Deus. Não disse Jesus: “Aquele que faz a vontade do Pai celestial é meu pai, minha mãe, meu irmão?”

Podemos ainda reproduzir o *martírio da Virgem*, aceitando generosamente, com resignação e em união às dores da Rainha, todas as penas, cruzes e contrariedades desta vida.

Imaculada Conceição, maternidade divina, martírio do Calvário, são estes os *três pontos principais*, os centros radiantes da vida e da glória de Maria Santíssima. Vale dizer que a pureza de coração, a observância da lei divina, a submissão à vontade de Deus devem ser as bases de nossa nova vida a tri-peça sobre que se apóie toda a obra de nossa imitação.

Em torno destes três pontos agrupam-se, quais folhas e frutos em torno da haste, as diversas virtudes de que a Mãe de Deus nos deu o exemplo. Considerêmo-las sucessivamente e apliquêmo-las à nossa vida, para que cada dia nos aproxime um pouco do nosso suave e encantador modelo; para que cada dia, também, resplandeça, mais doce e mais puro, o ideal que acalentamos.

Resolução: Determinemos, cada manhã, a virtude da Virgem de Nazareth, que particularmente desejamos praticar e façamos convergir, ao redor deste ponto, orações e exercícios do dia.

Capítulo 9

Jesus está em Nazareth

O que mais impressiona na contemplação da pequena morada de Nazareth é a atmosfera calma, quieta, alegre que a envolve e fá-la resplandecer de um reflexo de íntima felicidade.

Entretanto o olhar nada ali encontra do que o mundo tanto estima: nada de precioso, de brilhante, nada destas mil ninharias que cercam os pseudofelizes da terra e nas quais manifestam, aos olhos de uns, o brilho da riqueza, e, aos olhos de outros, a vaidade e o vácuo de suas almas.

Em Nazareth, ao contrário, vemos pobreza, trabalho árduo, conhecimentos aparentemente vulgares e relações comuns.

Contudo parecem felizes!

Este pobre operário, de mãos calosas, de fronte enrugada, de tez morena, queimada pelo sol como pela aspereza do trabalho, este pobre artista, a quem chamam José, parece feliz.

No rosto lhe cintila a alegria; os lábios se contraem num sorriso de benevolência; no olhar límpido como o de uma criança, lê-se a satisfação isenta de ambição qualquer.

E esta mulher, a esposa de José, nova, adornada de todas as belezas da natureza e da virtude, esta Maria como a chamam os seus vizinhos, doce, amável, parece radiante de felicidade celestial. No entanto ela é pobre, conhecida como tal, e passa seus dias no trabalho vulgar, nas lides da casa.

Tem a mão delicada, feita mais para governar e empunhar o cetro, do que para manejar os grosseiros utensílios domésticos.

Sua educação, comparada com a vulgaridade, a indelicadeza e a ingratidão dos outros pobres, deve causar-lhe, às vezes, duras provações. Apesar de tudo, nunca se franze sua fronte virginal; nunca o olhar se perturba, nunca se esgota o meigo sorriso. Parece fluir de tanta ventura!

Donde vem esta alegria em meio tão oposto ao que para o mundo é indispensável à felicidade? Haveria engano do mundo, do mundo

tão cubiçoso de felicidade;

tão faminto de satisfação;

que morre por falta de gozo... que procura o prazer em todos os caminhos, em todas as praças, pedindo-o a quem encontre!

Em todo lugar, cata, e mendiga um pouco de felicidade, mas... foi porventura procurá-la onde ela está?

Andou batendo à porta até, do desespero... já foi ele bater à porta de Nazareth?

Oh! vai, mundo triste,. Vai bater a esta portinha, e inquire do Anjo da Guarda da Sagrada Família, como é que lá, à sombra da pobreza, na escuridão da vulgaridade e nos espinhos do trabalho, se encontra a verdadeira felicidade.

- Por que, ó Anjo? Por que?

E com voz meiga e carinhosa murmurará o Anjo:-

Jesus está lá!

Não dirá mais nada, pois estas três palavras explicam tudo. De fato, Jesus é:

nosso *criador*: que nos *fez* para a felicidade;

nosso *Deus*: que só *pode* dar a felicidade;

nosso *Pai*: que *quer* dar-nos a felicidade;

nosso *amigo*: que nunca *falta* à palavra dada.

Oh, sim! sobre todos os edifícios, em todas as famílias onde haja infortúnios, discórdia, desespero... pode se escrever:

Jesus não está lá!

Como em tudo o que goza felicidade, em tudo o que sorri de coração, em tudo o que desabrocha no contentamento, se pode escrever:

Jesus está lá!

Escutai o piedoso autor da "Imitação de Cristo".

"Estar sem Jesus, diz ele*, é terrível inferno; estar com Jesus é doce paraíso".*

"Se Jesus estiver contigo, nenhum inimigo te poderá ofender".

"Quem acha Jesus, acha um tesouro precioso, ou antes, um bem acima de todo o bem".

"E quem perde a Jesus, perde muitíssimo mais do que se perdera o mundo".

"Pobríssimo é o que vive sem Jesus, e riquíssimo é o que está bem com Jesus".[1]

Ninguém melhor que a Virgem de Nazareth nos pode atestar a verdade destas verdades.

Como repetia ela estas palavras deslumbrantes para fazê-las entrar ainda mais em sua alma pura:

Jesus está lá!

Jesus: meu Deus e meu filho;

Jesus: meu criador, o fruto de minhas entranhas;

Jesus: meu Juiz e minha coroa.

Ele *está lá*, ou melhor, *aqui*... Ele, a quem tremendo os anjos adoram. Ele que constitui a felicidade do Céu. Ele, o

[1] "Imitação de Cristo" – Livro II, Cap. VII, V. 2

amor, a vida, o Senhor de tudo... Ele está aqui perto de mim... nos meus braços... sobre o meu coração. Meus lábios encontram seus lábios divinos, minha respiração se confunde com sua respiração... e mais de uma vez nossas lágrimas se confundem no mesmo estremecimento de amor ou de sofrimento.

Meu Deus... meu Filho... é possível!

E Jesus com seus bracinhos enlaçando o pescoço de sua Mãe, sorrindo meigamente responde:

- *Minha Mãe!*

Que felicidade para a Virgem de Nazareth!

Que união! que comunhão de amor, de ternura e de seráficos anelos!

E a Virgem pode ser, e é realmente, praticamente, nosso modelo. Com ela, nós também, poderíamos dizer: *Jesus está lá!*

Não está Ele sempre perto de nós? Não vem Ele em nós, na Sagrada Comunhão? Não podemos fazer de nossa família um pequeno Nazareth, onde Jesus ocupe o centro, onde tudo convirja para Jesus, sob os olhos da Virgem Imaculada?

Resolução: Porfiemos por conservar habitualmente a presença de Jesus, e, em união com a Virgem de Nazareth, façamos todas as nossas ações para agradar a Jesus, que nos vê, que nos quer ajudar e que nos anima.

Capítulo 10

Sempre perto de Jesus

Continuemos a estudar a felicidade de Nazareth, considerando ainda demais perto a doce Virgem no seu viver com Jesus, para dela aprendermos o segredo da vida, da verdadeira vida, que em tudo e por tudo sabe encontrar paz e satisfação.

A boa Virgem de Nazareth não nos recusará o acesso à sua humilde morada; ao contrário, será feliz de satisfazer a nossa legítima curiosidade. Nazareth... não é também um pouco da nossa família, sendo a casa de nossa Mãe?

Já vimos como a presença de Jesus iluminava e sobrenaturalizava a vida da Imaculada.

A presença do Filho adorado era a luz de seus olhos, mais do que a presença do astro luminoso é a luz de nossos olhares. A luz material, em certos instantes, retira-se e nos deixa nas inquietações das trevas: mas nunca Maria se afastou de Jesus, seu Filho; sempre... *esteve perto de Jesus.*

Sempre: durante a vigília, durante o sono; nas dores; nas penas; nas contradições como nas consolações.

Vede sua aflição, no dia que perdeu Jesus; ou melhor, no dia em que o Salvador, devendo ocupar-se dos negócios de seu Pai, como dizia Ele mesmo, a deixara um momento, para palestrar com os doutores da Lei. Com que amor desolado, a meiga Virgem indaga do Menino!

Acostumada a possuir, sem interrupção, este tesouro celestial, alcançara toda a extensão daquela perda dolorosa.

O mundo que nunca experimentou a felicidade da presença de Jesus, quase não sente a sua ausência. Não se deixa comover senão por aquilo que aparece aos sentidos, alheios às nobres emoções do espírito e da alma.

Oh! que dias deliciosos a Virgem Imaculada passou perto de Jesus! Que comoventes cenas deviam desenrolar-se debaixo deste modesto teto, onde todos se rivalizavam para amar a Jesus!

Durante o dia, o Menino-Deus, algumas vezes, se ausentava, quer para ir buscar água no poço, quer para cumprir qualquer ordem de sua Mãe ou de São José. Durante essa ausência, não podendo mais segui-lo com o olhar, Maria acompanhava com o coração: *sempre estava perto do seu Jesus!*

Esta lembrança de Jesus dominava em Maria, como domina, no coração das mães, a lembrança do filho. A qualquer hora que se interrogue a uma mãe: Em que está pensando? Imediatamente e como por instinto: No meu filho! responde ela.

- Demorais muito tempo sem pensar em Deus? perguntava ingenuamente Santa Chantal a São Francisco de Sales.

- Quase um quarto de hora, respondeu o piedoso bispo, com ainda maior simplicidade.

Oh! se os santos assim tiveram a lembrança de Deus tão profundamente gravada no coração e nos pensamentos, qual não devia ser a união da Virgem com o Filho amado.

Que diferença entre a Virgem-Mãe e as outras mães! A comparação é impossível!

Maria era feliz em possuir a Jesus, mas sofreu, horrivelmente à vista dos crimes, das iniqüidades, da indiferença, dos pecados

que se acumulavam, qual peso esmagador, sobre a cabeça da inocente Vítima, a quem embalava sobre os joelhos, a quem estreitava sobre o coração, a quem cobria de beijos.

Mas Jesus estava lá... e Maria o possuía sempre! A presença do Menino-Deus era, ao mesmo tempo, um tormento e um balsamo, para o coração de Maria.

Um tormento, porque seu coração ferido pela espada da predição de Simeão, rememorava tudo o que sofreria um dia o adorável menino. Um balsamo, porque conhecia o triunfo que Ele alcançaria sobre as almas, e os anelos de puro amor que suscitaria nos corações nobres e grandes. Esta lembrança suavizava-lhe as angústias, e fazia parar o curso de suas sombrias previsões.

Oh! sob o olhar de Jesus, ao qual se quer agradar – de Jesus, tão amante e que tão generosamente retribui a menor ação, feita por ele e em união com ele, como não se sentir alentado, animado, estimulado!

O pensamento de Deus deixa a humilde Virgem calma e quieta, por mostrar-lhe Deus, sempre pai, sempre bom, sempre misericordioso, por mostrar-lhe Deus:

Na provação, proporcionando-a com sua força;

Na tristeza, reanimando-lhe a coragem;

Nas ocupações, acalmando a precipitação;

Nas dúvidas, esclarecendo e fortificando a fé;

Na alegria, animando-a a maior amor ainda;

Ó doce, ó amante, ó piedoso pensamento de Deus!

Em nossos dias, dir-se-ia que o mundo está febril: agita-se, atormenta-se, inquieta-se, desespera-se porque não sabe ficar *Sempre com Jesus!*

Em nossas penas e contradições saibamos imitar o exemplo da Virgem de Nazareth. Em vez de nos impacientar e, até, de murmurar, saibamos fitar o Salvador e dizer: Ó Jesus, deixa-me sempre *perto de Ti*.

Perto de Ti: é a calma, é a paz, é a felicidade, que almejamos continuamente, e que nossa inconstância e irreflexão não nos deixam descobrir.

Ó Jesus, deixa-me sempre perto de Ti, sob o teu olhar, perto do Teu coração, como Maria em Nazareth.

Resolução: A exemplo da Virgem de Nazareth apliquêmo-nos particularmente a viver unido a Jesus, a viver desta intimidade com Jesus e Maria que é o característico dos santos e o fundamento da santidade.

Capítulo 11

A boa Virgem Maria

O nome universal de Deus, diz Bossuet, o nome popular de Deus, aquele que sai do coração da criança e do ancião, do homem e da mulher, do sábio e do analfabeto, é este título familiar e sublime: *o bom Deus!*

Estas palavras do afamado orador, debaixo de aparente simplicidade, são um verdadeiro rasgo de gênio. Esta denominação: o bom Deus, de fato, inclui tudo. Deus é bom: então é compassivo, misericordioso, generoso, justo, amável, terno, dedicado.

O que o grande Bossuet disse de Deus, podemos dizê-lo, em ponto muito menor, Daquela que tão perfeitamente imitou a Jesus. Existem paises, onde sempre chamam a Mãe de Jesus: *A boa Virgem Maria*. E este nome tamanha doçura produz no coração, que muitos Santos passaram horas em êxtases, repetindo somente tais palavras.

Oh! sim: Maria é boa. A doce Virgem de Nazareth é boa, de toda a bondade, de toda a ternura, e de todas as lhanezas do seu coração de virgem, de Mãe e de Rainha. Após Jesus, ela é a única perfeitamente boa; boa, sem comparação; porque a sua bondade promana da bondade mesma de Jesus. Bondade:

que suavemente sabe *sorrir;*

que sinceramente sabe *compadecer;*

que compassivamente sabe *partilhar a dor;*

que caridosamente sabe *admoestar.*

Bondade, enfim, radiante, atraente, que nos eleva, nos alenta, e faz dizer dela... o que São Francisco de Sales disse um dia de São Vicente de Paulo: “Meu Deus, como tu deves ser bom, visto o teu servo Vicente já ser tão bom!”

Oh! sim, bastantes vezes aqueles que, durante a sua vida, conviveram com a Santíssima Virgem, devem ter dito admirados: “Meu Deus, como tu deves ser bom , visto a tua serva Maria já ser tão boa!”

Ela era boa; boa com Jesus, boa com São José, boa com todos os seus próximos. Sobre todos eles fez irradiar seu coração. E este coração como o de Jesus era só bondade, todo bondade, porque era todo amor, e amor e bondade são sinônimos.

É por isso que o nosso Salvador, cuja essência é “Amor” nos diz: *Aprendei de mim que sou manso de coração!*

A Santa Igreja, tão bem o entende, e tão admiravelmente sabe aplicá-lo a Maria, que todos os dias, e até diversas vezes por dia, faz repetir no universo inteiro, por todos os seus ministros: *O dulcis Virgo Maria!* Ó doce Virgem Maria!

Pois, era, principalmente em Nazareth, que a Virgem deixava transluzir esta doçura.

Quem nos mostrará o cortejo dos desamparados, dos desesperados, dos vencidos que passaram pela ermida de Nazareth! Ali encontraram o olhar da Imaculada, e neste olhar encontraram a paz e a felicidade perdidas.

Os Santos exerceram tal apostolado perto das almas; como o não teria exercido a Rainha dos Santos!

Quando alguém se apresentava em Nazareth, era recebido com este sorriso de amizade e cordial afeição, que lhe significava ser bem vindo.

Sempre com o sorriso e a modéstia nos lábios, a Virgem recebia os viajantes convidando-os ao descanso, e inquirindo o modo de lhes agradar.

Parece-me que o teto de Nazareth devia ser refúgio de todas as almas desejosas de um pouco de consolação e de força.

Os pobres sentiam-se como na própria morada. Para eles Maria era tão obsequiadora!

Os doentes, os contristados, todos aqueles que padeciam eram mais do que hospedes: eram amigos. A Virgem tão compassivamente se inclinava para todas as misérias!

Os ricos, mesmo ali experimentavam um bem-estar que não encontravam em lugar nenhum: porque lá eram acolhidos não por causa de suas riquezas, mas porque eram filhos de Deus.

A esta recepção cordial, juntava-se uma simpatia sincera e visível. Quando se apresentava em Nazareth, uma alma desesperançada, acabrunhada, Maria sabia descobrir o que ainda havia de bom nela; e, através das culpas, das quedas, das asperidades, tal a gota de óleo que penetra através das mais imperceptíveis feridas, suas palavras penetravam nestas almas, animavam-nas, fazendo renascer nelas a confiança e o amor.

E este pobre coração que se julgava murchado, perdido, levantava-se, abria-se dizendo: Mas então, ainda posso fazer o bem!

Ó Virgem! queria dizer: ó doce, ó boa, ó encantadora e inefável Virgem de Nazareth, eu também, qual um destes pobres romeiros da vida, venho bater à tua porta. Abre; recebe-me; deixa refulgir um instante sobre a minha alma fenecida pelo pecado teu olhar, e a ternura de teu coração. Dize uma destas palavras confortáveis que reerguem, animam, e fazem trilhar o caminho do dever.

Ensina-me a ser bom, a mim também. Oh! sim, bom como tu, para poder participar da vida de Jesus. Dá-me a graça de ser bom para com os outros, como desejo que tu sejas boa para comigo.

E vós, almas queridas, não é que no recôndito de vosso coração, ouvis, certa voz que vos murmura: Sede boas! sempre melhores!

E ao mesmo tempo uma espécie de censura que vos faz repetir de vós para vós: Não sou bastante boa!... minha bondade não rebrilha suficientemente.

Se fossemos melhores, bem o sentimos, teríamos em nossa vida, mais *paz*, mais *consolação,* mais *felicidade*.

Pode-se dizer que a maior parte das nossas penas e contrariedades provém da falta de bondade.

É para nos lembrar que Aquele que é a "felicidade" quer que esta simples palavra "*bom*" o designe a todos, o torne amado de todos. Do mesmo modo Ele quer seja esta mesma palavra para sua Mãe o grande título ao amor dos seus filhos. A Imaculada para nós é sobretudo: *a boa Virgem Maria!*

Esta palavra tudo contém e manifesta: revela *Mãe de Deus*, e nos faz adivinhar: *nossa Mãe!*

Resolução: Meditemos muitas vezes sobre a bondade de Maria, representando-nos a Virgem de Nazareth em seus afazeres cotidiano, a fim de que a sua bondade nos penetre pouco a pouco, e se irradie em nossa própria vida.

Capítulo 12

O Apostolado da Virgem

Continuemos ainda o mesmo assunto. O nosso egoísmo é tal que é mister insistir sobre esta verdade para compenetrârmo-nos da bondade de Maria.

Aliás, em presença da nossa dureza, da nossa preguiça, da nossa sensualidade, do nosso incorrigível orgulho, é tão consolador contemplar a Virgem de Nazareth cercada do radiante diadema da bondade.

Praticamente – é o que tencionamos fazer sobressair aqui – a bondade tem uma qualidade bastantes vezes ignorada e incompreendida dos corações estreitos, secos e egoístas.

Diz-se que há poucos homens que podem passar sem *elogios*. Oh! não falo do elogio que lisonjeia para adular: este faz mal; mas do elogio que aprecia em poucas palavras; que mostra delicadamente o bem realizado, animando os seus esforços; que vai dado, enfim, não com ares de proteção, mas com benevolente amizade. Um tal elogio é estimulante poderoso para o bem.

A boa Virgem de Nazareth era inexcedível na arte de realçar o bem que se encontra em outrem, de aprová-lo, de promovê-lo e de aperfeiçoá-lo sempre.

Fechava os olhos sobre os senões porventura encontrados e procurava sobrelevar os méritos daqueles que se julgam sem préstimo algum.

Quanta coragem foi reanimada por este delicado elogio: Deixar acreditar aos outros, não que sejam perfeitos, mas que estejam no caminho da perfeição! É como forçá-los a se tornarem realmente perfeitos.

Não é, com certeza, a baixa adulação que exagera ou atribui um mérito inexistente, mas sim a caridade que, com o manto da misericórdia, cobre as misérias do próximo, as quais oculta, no intuito de encarar unicamente o bem realizado.

Elogiar este bem real é dar ao próximo a coragem de entendê-lo e de fazer desaparecer o que não concorda com o bem apontado.

Sim, este elogio delicado e verdadeiro é uma irradiação da bondade. Aproveita a quem o faz, como a quem o recebe. Ao primeiro ensina a bem julgar o próximo e mostra ao segundo o que ele não é ainda, para que se esforce por ser brevemente o que dizem que já é.

Como estas pequenas coisas abrem os corações, dissipam os preconceitos, acalmam os rancores e permitem dar um conselho que antes irritaria!

Este apostolado de doçura, de delicadeza e de afetuosa compassividade foi o da boa Virgem Maria. Antes de tudo, sua vida era uma vida oculta, voltada a estudar e a imitar a Jesus.

A humilde Virgem não devia mostrar-se aos olhos do mundo pelas obras de aparato; era necessário ficasse exteriormente a esposa do carpinteiro José; mas conhecendo quem era Jesus, conhecendo igualmente o que vinha ele fazer neste mundo, Maria não podia deixar de trabalhar de todo o coração o preparo das almas, a fim de que, chegada a hora, seu Filho as achasse preparadas para següirem-no, para escutárem-no e receberem a semente divina do Evangelho.

Maria o fez, e fê-lo pela sua bondade, e principalmente por esta forma de bondade que é *elogio do bem realizado.* Era este o apostolado seu: apostolado do coração que conquista os corações; apostolado heróico que supõe conhecimento raro das almas, delicadeza a toda a prova e amor entranhado para com o próximo.

A bondade da Santíssima Virgem devia granjear-lhe a confiança de todas as almas que tiveram a dita de conhecê-la; e esta confiança devia suscitar-lhe grande número de confidências.

Nestas ocasiões, a Virgem Santa, de olhar sempre fixado sobre o bem a fazer, amavelmente cumprimentava; fazia ressaltar o bem que notara, e finalmente animava a não deixar pelo meio uma obra encetada para glória de Deus... a não deixar de aperfeiçoar uma virtude já adquirida.

Saía-se da pequena ermida de Nazareth, animado, confortado, resolvido a fazer realmente o que a Virgem Maria aconselhava. Saía-se de tal palestra com este sorriso de satisfação que parecia dizer: Mas então, já que estou no bom caminho porque não emendar-me? Se posso ter vida melhor e mais feliz, porque não porfiar por alcançá-la?

E esta alma que já não *vivia* mais a sua vida, mas *deixava-se* viver a mercê dos ventos e das tormentas, reanimava-se, fortificava-se, e imprimia à existência estiolada um desabrochar divino, cujos germes até lhe eram desconhecidos.

Oh! doce, e fecundo apostolado, ao alcance de todos mas de modo particular próprio às mulheres cristãs.

Se soubessem elas todo o bem que podem fazer! Como seriam capazes de transformar famílias inteiras e de mudar em cristãos robustos e sem temor homens indecisos, até aqui vacilantes, descrentes das próprias forças.

Se soubessem aproveitar, em prol deste apostolado, as inesgotáveis ternuras de seu coração, dominariam com um império que sublima o seu sexo e as tornariam coadjutoras de Deus, na obra da salvação do mundo. Por este meio tão simples, poderiam recrutar ao serviço de Nosso Senhor e da Igreja, uma elite de homens praticantes, a trabalharem eficazmente pelo exemplo, pela palavra e pela ação, na extensão do reino de Deus.

Esposas cristãs, moças piedosas, meninas cujo coração, tal o perfume da flor e o sorriso dos anjos, sabe amar, irradiar e atrair, experimente sobre quem tendes influência. Sede na vossa família o que a boa Virgem Maria era em Nazareth: luz que ilumina, e fogo que aquece a quem se aproxima.

Resolução: Fechemos os olhos sobre os defeitos daqueles que nos cercam. Não lhes mostremos nunca que lhes percebemos as imperfeições, mas louvemos suas boas qualidades, obrigando-os, deste modo, a uma perfeição cada vez maior.

Capítulo 13

A dedicação de Maria

O característico de Deus é ser amor – *Deus caritas est.* O que é o amor? Não outra coisa senão: *o dom de si*. *Amor* é a mesma coisa que *dar-se*. E dar-se é sinônimo de *dedicar-se*. A dedicação é deste modo a manifestação, o exercício do amor.

Pôr à disposição dos outros tudo o que Deus nos dá para aliviá-los, instruí-los, felicitá-los, santificá-los, é verdadeiramente cumprir com o mandamento do amor, e assemelhar-se a Deus.

Um dia, uma pobre mulher do povo exprimiu esta idéia simples, porém sublimemente, agradecendo a um membro das conferências de São Vicente de Paulo que a tratava. Num impulso de gratidão, diante das gentilezas, dos cuidados e obséquios que este lhe prodigalizava, não podendo exprimir o que sentia, a pobrezinha exclamou: *Oh! se houvesse mais de um Deus, o senhor seria um deles.*

Palavra sublime, repassada de sentimentos ainda mais sublimes. Quem se dedica, torna-se verdadeiramente um bom Deus.

Quem dirá, pois, quantas vezes a Santíssima Virgem mereceu este título? Ela, Mãe de Deus! Ela, participante, quanto uma criatura pode participar do amor de Deus, e, por conseguinte, da dedicação de Deus para com os homens!

É neste sentido que a Igreja chama-a “Speculum justitiae”. Espelho de Jesus, pois a justiça é Jesus mesmo. O amor e o desvelo de Jesus pelos homens são incompreensíveis, por excederem toda medida. Pode-se determinar os mesmos limites à dedicação da Virgem.

Em Nazareth, houve doentes, pobres, órfãos; Maria era a providência visível destes infelizes. De pé, desde a primeira aurora do dia, depois da labuta familiar, antes que as casas se abrissem, ela saía, sobraçando víveres, roupas e remédios, no afã de repartir, com os mais pobres do que Ela, os seus parcos recursos.

Assentava-se à cabeceira dos enfermos, e, afagando, apontando o Céu, falando da beleza dos sacrifícios generosamente aceitos, prestava-lhes todos os serviços materiais ao seu alcance.

Com suas mãos virginais lavava as feridas, e, algumas vezes, osculava úlceras, que os outros recusavam tratar. Ela suavizava as dores pela sua presença, e bastantes vezes curava os corpos e as almas.

Os pobres tinham títulos à sua visita. Levava-lhes cada manhã o seu meigo sorriso, sua palavra mais doce ainda, e dividia entre eles os frutos do trabalho de seu esposo, com os frutos de suas próprias vigílias e fadigas.

Quando, durante o inverno soprava a nortada, enregelando os doentes e os desvalidos, a compassiva visitante sempre achava na sua própria morada, apesar da pobreza rigorosa, um pequeno supérfluo, de que era possível privar-se.

E, com o favor da escuridão, bem depressa, estes objetos eram levados às choupanas, mensageiros de um pouco da alegria, de um modesto alívio, e do amor de Deus.

Os órfãos de Nazareth não ficavam sem mãe. A Mãe de Jesus vigiava sobre eles; e, não podendo sempre ou dar o que desejava, ou abrigá-los debaixo de seu teto, apelava para pessoas mais abastadas. Deste modo, os indigentes tinham não só um agasalho para o corpo, senão também os meios de observarem os seus deveres de filhos de Deus.

Não haverá exagero em adiantar que, freqüentemente, fora de horas, pelas caladas da noite, iam bater à porta da Sagrada Família uns desamparados, certos de ali acharem com que mitigar sua fome, e com que aquecer um instante os membros entorpecidos pelo frio.

Era sempre a Virgem que os introduzia, os consolava e os assistia, mas o pequeno Jesus, sorrindo ao espetáculo da dedicação de sua Mãe, ciente de suas aspirações, achegava-se a ela, e, suavemente, com sua voz cândida, murmurava: Mamãe, minha cama está bem quente, deixa nela dormir este pobrezinho. Eu ficarei perto de ti... dormirei melhor entre teus braços.

E o pobrezinho tomava o lugar de Jesus, ao passo que outros se agasalhavam, talvez, na pobre enxerga de José. Os dois esposos velavam, rezavam, e o pequeno Jesus, adormecia... nos braços de sua Mãe.

Oh! cena arrebatadora que admiraram os Anjos, e que um dia admiraremos no Céu.

Quantas vezes, após tais espetáculos, os enfermos, os pobres, os órfãos, repetiam de coração, quando não com os lábios: *Oh! Maria, se houvesse mais de um Deus, tu serias um deles!*

De fato, ela o era, porque como Deus, dava-se, dedicava-se sem medida!

E nós, não poderíamos fazer, ao menos, um pouco o que tão generosamente fazia a Virgem de Nazareth!

Que doce e sublime missão!

Perto de nós não há alguém que sofra e que precise de um sorriso, de uma palavra consoladora?

Não conhecemos algum pobre, ao qual o nosso supérfluo traria um pouco de alegria, um pouco de felicidade, um pouco de bem-estar?

Em nossa vizinhança não há um órfão que chora a perda de sua mãe, de seu pai, e que, em vão, procura alívio, consolação e ternura?

Não conhecemos almas ulceradas, exasperadas, desamparadas, que se reconciliariam com uma palavra amiga, que se aproximariam de Deus, e, talvez, se salvariam?

Oh! vós, homens de coração nobre, mulheres cristãs, moças piedosas, hoje mesmo, a exemplo do que fez a Virgem de Nazareth, experimentai... sede um pouco para os outros "*o bom Deus*".

Dedicai-vos, dai-vos um pouco e fareis que se rejubilem os anjos da guarda dos vossos protegidos. Jesus, enxergando em vós o que admirava em sua Mãe, sorrirá do alto do Céu, e vos ajudará a salvar almas.

Resolução: - Por amor da Virgem de Nazareth, não deixeis passar o dia, sem fazer um pequeno ato de dedicação para com o próximo; ainda que seja simplesmente um sorriso, uma palavra de consolação, um copo d'água fria dado em seu nome...

Capítulo 14

A Virgem Amável

A amabilidade é uma virtude maior e mais sobrenatural do que se acredita geralmente: é irmã da caridade, ao mesmo tempo em que é o seu mais suave fruto. É um verdadeiro reflexo do Céu. E destes reflexos do Céu tanto precisamos nesta pobre terra, tão fria, tão gelada! O que a faz resplendecer um pouco, o que a reanima, é o calor do Céu.

A mesma coisa dá-se quando se trata da nossa existência: para levantá-la, animá-la, fazê-la brilhar um pouco, é preciso um resplendor do Céu. Pois se a caridade é a irradiação *da alma*, pode-se dizer que a amabilidade é a irradiação *do coração*.

Ser amável é possuir ao mesmo tempo um *atrativo* que *atrai* o coração dos outros, e um *laço* que *liga* esse coração ao nosso.

Seria a beleza, a elegância, a ciência, a educação, a virtude em geral?

Não! é mais do que isso. Sem dúvida, sem virtude é impossível ser perfeitamente e durante muito tempo amável; mas não se deve concluir que a virtude, debaixo de qualquer forma que se apresente, seja sempre amável. É preciso, como o diz o Apóstolo, que ela *se faça tudo para todos*, que se derrame, que se dê, e se dê sorrindo.

Em Nazareth houve, num supremo grau, esta arte deliciosa da amabilidade. Amabilidade que *atraía*, que *ligava* à Virgem Santa aos corações daqueles que se lhe aproximavam, como ainda em nossos dias, sem ver a sua fisionomia bendita, sua bondade e sua beleza atraem e ligam os corações daqueles que a conhecem, e isso a ponto de São Bernardo a chamar: *arrebatadora dos corações, "Raptrix cordium".*

Quem nos dera uma idéia das encantadoras cenas de amabilidade que se passaram debaixo do humilde teto de Nazareth.

Não falemos do Menino Jesus. É o ideal desafiando toda descrição. Quantas vezes por dia, quantas vezes de noite até, Maria e José se conservaram imóveis diante do adorável Menino, *atraídos* pela sua graça, *ligados* pela contemplação de tamanhas maravilhas de bondade.

Que suaves lágrimas derramaram os olhos da ditosa Mãe, quando o pequeno Jesus, veio propor-lhe suas perguntas infantis, radiantes de simplicidades e de candura.

"- Boa Mãe, não posso ser útil?"

"- Não posso ajudá-la nesta ocupação?"

"- Não poderia poupar-lhe esta pena?"

"- Dê-me uma ordem, mamãe, que bem obedecerei!"

"- Tanto gostaria de lhe provar meu amor!"

"- Tanta vontade tenho de agradar-lhe!"

Oh! doces suaves colóquios de amabilidade!

E quando a Virgem, que já levava no coração, a espada cruciante, que nele cravara o velho Simeão, no dia da Apresentação; quando Maria, via seu Jesus, a ser imolado um dia, para a salvação dos homens; Ela não mais continha suas lágrimas mas tomava o Menino, apertando-o ao coração, como que para subtraí-lo aos algozes. Oh! então como chorava, como sua santa mãe e como se esforçava por consolá-la!

"- Minha boa Mãe, por que choras? Ter-lhe-iam causado alguma mágoa? Quem são os que te fazem sofrer?"

E com sua mãozinha, cingindo o colo da Virgem, escondia a loura cabeça debaixo do véu de sua mãe, repetindo:

"Oh! boa mamãe, não chores, eu tanto te amo, e mais ainda amar-te-ei, mas enxuga teu pranto".

Doce, a sublime comunhão do coração da Virgem e do seu divino Filho!

Algumas vezes derramaram-se lágrimas, em Nazareth... freqüentemente, até! Mas como estas lágrimas, depressa foram enxugadas pelo calor deste reflexo do Céu, que se chamava: a amabilidade de Jesus.

Se houve lágrimas, houve também alegrias profundas. Alegrias que nasceram desta amabilidade, qual nascem sob a influência do sopro tépido da primavera, flores que recreiam a vista, perfumam o ar, e produzem uma renovação de bem-estar e de vigor.

A amabilidade não é uma virtude separada: é a reunião de diversas grandes virtudes.

É a *caridade*, que *se dá*. E dar-se constitui uma felicidade incomparável, que só pode compreender quem já a experimentou.

É a *humildade*, que se *abaixa*. E abaixar-se é a marca das almas grandes e dos corações generosos.

É a *paciência*, que *suporta*. E suportar as injustiças e desatenções daqueles que nos cercam é a grande fonte de merecimento que devemos aproveitar para o Céu.

É afinal a *força* que *nunca desanima*, porque continuadamente tem diante dos olhos, o modelo e a recompensa.

E estas grandes virtudes enfeixadas constituem a *amabilidade*: virtude meiga, virtude atraente, e sobretudo virtude subjugadora.

Ser *amável* – é fazer refulgir nos outros esta luz de nossa alma que faz desabrochar o sorriso dos lábios e dilata o coração, como o raio de sol que faz desabrochar o botão de rosa.

Ser *amável* – é sempre ter nos lábios a doce palavra que levanta, reanima, consola, fortifica, como a gota de orvalho reergue, revigora e dar cor à planta que estava a fenecer.

Ser *amável-* – é conservar no seu exterior esta graça de comportamento, esta simplicidade de maneiras, esta serenidade da fisionomia, esta benevolência do olhar, que se transmitem, se comunicam e que atraem as pessoas das nossas relações.

Tudo isso fazia-se em Nazareth, com uma naturalidade, com uma sinceridade, e com uma convicção que não reproduziremos, sem dúvida, mas de que nos podemos aproximar.

Por isso, basta afastar o que obsta ao desenvolvimento desta amabilidade.

O que é que fecha os corações? é o egoísmo. O que é que os estreita? é o amor das comodidades. O que é que os esfria e os insensibiliza? é a preocupação de si mesmo. O que é que os impede de *atrair* e de *ligar-se* aos outros? é a falta de fé e de caridade. Oh! pede, pois a Deus:

Esta *bondade*: que se torna previdente;

Este *amor*: que se torna dedicado;

Esta *piedade*: que impede a tristeza;

Este *teto*: que sabe agradar;

Esta *união* com Deus, que tudo sobrenaturaliza!

Resolução: - Em nossas relações com o próximo, com as pessoas, sobretudo, que nos são um tanto antipáticas, perguntêmo-nos às vezes: Como Maria Santíssima teria tratado tais pessoas?

Capítulo 15

A doce indulgência

Ainda uma destas virtudes quase ignoradas, e, entretanto de alcance incalculável, quer perante Deus, quer perante os homens.

A *indulgência* é mais que a *bondade*, mais que a *amabilidade.* Supõe estas últimas, de certo, mas ajunta-lhes um mérito e um caráter particular. A indulgência é filha da inocência... brota de um coração puro.

Aqueles que não têm coração não compreendem a indulgência.

Aqueles que têm pouca inteligência pensam abaixar-se com serem indulgentes.

Aqueles que têm alma viciada, são arrastados a excessivo rigor: não perdoar nada aos outros, é, muitas vezes, prova de que se perdoa muito a si mesmo.

A indulgência supõe sincero e profundo amor de Deus.

Bondade para com o próximo – *amabilidade* para com aqueles que nos cercam – *indulgência* para com os fracos, são três manifestações, três frutos do amor de Deus.

Como brilhava esta virtude na doce Virgem de Nazareth! Não podia exercê-la para com Jesus, nem para com São José, mas no lidar incessante com pessoas estranhas, achava, para sua indulgência, alimento contínuo, exuberante.

Todos os dias a Virgem humilde ia ao poço buscar água; cada sábado ela freqüentava o pequeno Templo de Nazareth.

Conheciam todos “a mulher de José”. Sua virtude, para todos sem dúvida, era um objeto de admiração, mas algumas pessoas, ou mal informadas, ou perversas, talvez não a estimassem.

Um caráter oposto ao da Virgem, fazia experimentar a estas pessoas, em sua presença, um mal estar, que não compreendiam e que as forçava a mostrar-se pouco gentil para com Maria.

Talvez que, interpretando mal a bondade de Deus para com Maria, e não enxergando as provações, pelas quais fê-la passar, estas pessoas pensassem ser mal dotadas ou abandonadas; e seus sofrimentos manifestavam-se por palavras de mau humor.

Outras, escutando a voz do demônio, viam nos atos de Maria, em seu proceder, e até nas suas lhanezas, intenções que não existem. Estas pessoas afastavam-se da Virgem, falavam mal da Virgem, caluniavam a Virgem.

Maria não o ignorava: sentia profundamente estas frechas, mas, desdobrando o véu da indulgência por cima das injustiças da perseguição não somente tudo relevava, mas até desculpava tudo. Sempre achava interpretação favorável, e nunca manifestava que tal ou tal procedimento a ferira.

Se lhe contavam estas malévolas interpretações, Maria dizia, sorrindo: *“Oh! não é nada! – Esta pessoa não pensava nisso, senão não diria! Não julgava melindrar-me. É boa demais para isso. Não pode agir de outro modo; e, talvez sofra, ao saber que me desagradou!”*

E quando estas pessoas, depois de se terem emendado, apresentavam desculpas a Maria, como as recebia com bondade e ternura! *“Oh! não! a culpa não é vossa! eu é que devo desculpar-me*, dizia... *desculpai! no futuro será um prazer para mim expiar minha culpa, prestando-vos todos os obséquios ao meu alcance”.*

E apertando nas suas mãos imaculadas a mão daquela, que a penalizara: *"Peço*, dizia, *não fique entre nós nenhuma ofensa; continuemos a nos amar, como Deus deseja que nos amemos".*

Ser *indulgente*, de fato, não é somente absolver aos outros, mas é acusar a si mesmo de não ter tido bastante bondade, condescendência, caridade.

Ser *indulgente* é, não somente, aceitar as satisfações que nos são feitas, mas ir ao encontro daqueles que nos procuram com timidez, para se explicarem.

É o que fazia a doce Virgem de Nazareth.

Sempre disposta a esquecer as faltas alheias, lembrava-se somente da bondade dos outros, achando sempre que o próximo era demasiadamente bom, indulgente para com ela, ao passo que acreditava nunca fazer bastante para agradar-lhes, servi-los e suavizar-lhes a vida.

Oh! que lições para nós, tão sensíveis à injuria, tão depressa abatidas pela ingratidão, algumas vezes abespinhadas por uma simples suspeita.

Como a doce Virgem de Nazareth, compenetremos nosso coração do amor de Jesus a fim de sermos bons para com os outros, indulgentes, para todas as fraquezas.

É mostrar-se *grande,* o não ligar a uma falta de atenção.

É ser *sublime,* o colocar-se acima da injúria e da ingratidão.

É ser *santo,* o desculpar aos outros e acusar a si mesmo.

A Virgem de Nazareth não tinha que *expiar*, ela, a inocência, o amor, a santidade sem jaça.

E nós, pobres criaturas, tanto temos que descontar! Precisamos tanto da indulgência de outrem. Fazêmo-los sofrer com nosso gênio, com os nossos defeitos, com as nossas manhas, com as nossas inconseqüências.

Fazêmo-los sofrer e recusaríamos sofrer alguma coisa!

Bem-aventurados os misericordiosos, porque conseguirão misericórdia! Bem-aventurados os indulgentes, porque Deus será indulgente para com eles!

Nosso Senhor não ordenou não se julgar aos outros, para não ser julgado? É uma das mais lindas flores da caridade fraterna... é o perfume especial do Evangelho: é nisso que se deve reconhecer que somos discípulos de Jesus Cristo.

Que grande é nossa fraqueza acerca deste assunto! Dir-se-ia que, a julgarmos mal os outros, um bom conceito recairá sobre nós mesmos, e que, rebaixando o próximo, mais nos elevamos.

Pois, o contrario é que verdadeiro. A indulgência enobrece, ao passo que nada avilta mais do que os julgamentos ásperos.

Nas penas, nas contrariedades, nas calúnias e perseguições, fitemos a boa Virgem de Nazareth: estes caminhos todos são-lhe conhecidos. Como Ela deixemos dizer e fazer: Perdoemos! Excusemos! Esqueçamos! Oremos!

Notemos e apreciemos o bem que nos fizeram, sem atentar no mal que pode depreciar este bem.

Resolução: - Não critiquemos nunca o comportamento dos outros; desculpêmo-los, e, se for possível, calêmo-nos, estendendo o manto da indulgência sobre os seus defeitos, para lembrârmo-nos somente de suas boas qualidades.

Capítulo 16

O olhar sobrenatural

Nossa alma como o nosso corpo, tem um olhar; e do mesmo modo que há homens que não enxergam mais as coisas exteriores, há também homens que não compreendem as coisas divinas, que os envolvem.

Os primeiros chamam-se *cegos*.

Os segundos têm o nome de *indiferentes*.

Esta indiferença, como bem se nota, percorre um número quase incalculável de graus. Da indiferença extrema, culpada, até à simples negligência, excluindo quase toda culpa, medeia enorme diferença. Não falamos aqui da primeira: os exemplos da Virgem de Nazareth, pouco aproveitariam no caso, porque não seriam tomados em consideração.

Mas, nas almas piedosas, desejosas de modelar-se sobre os exemplos de Maria existirá talvez uma certa indiferença que poderá chamar-se: falta de olhar sobrenatural, que praticamente consistirá em não incomodar-se e em querer possuir tudo, conforme os seus desejos.

Este olhar sobrenatural nos faz encarar as coisas do lado do céu, de maneira que apareça, não o que nos agrada, mas o que agrada a Deus.

Um exemplo muito elucidativo:

O superior de uma ordem religiosa visitava um noviciado. A cada um dos noviços chamados dizia uma destas palavras de pai e de santo, que levantam, animam, reconfortam, fazem progredir e enobrecem.

A um deles, em cuja fisionomia pensava ver uma nuvem de descontentamento, perguntou:

- Dás-te bem aqui, meu filho?

- Não, meu pai, respondeu simplesmente o noviço.

O superior estreitou-o, beijando-o na fronte, e lhe disse:

- Coragem! meu filho, Deus te ajudará.

No ano seguinte voltou, tornou a ver o noviço e, estendendo-lhe a mão, repetiu a mesma pergunta:

- Então, meu filho, está satisfeito agora?

E com a mesma simplicidade o noviço respondeu:

- Não, meu pai, ainda menos do que antes.

- Então quer nos deixar e sair do convento?

Seguiu-se um instante de silêncio, como se o noviço não esperasse esta conclusão:

- Sair do convento... e por que? não vim eu aqui para fazer meu gosto, mas sim a vontade de Deus.

O superior olhou para ele, com olhos marejados de lágrimas, e, apertando-lhe contra o coração, só pôde articular estas palavras: Meu Deus! Meu filho!

Depois, percebendo o mestre dos noviços, lhe disse: Padre cuida deste jovem: é uma grande alma... um coração de santo!

O noviço julgava da vida, não segundo suas próprias impressões, mas sim segundo as vistas de Deus. Procurava agradar não a si mesmo, senão a Deus.

Eis o fundamento da nossa vida espiritual: a pesquisa contínua da vontade de Deus.

São Paulo disse de Jesus: *Christus sibi non complacuit.* O Cristo não se comprazia em si mesmo. Pode-se dizer a mesma coisa da Santíssima Virgem.

Se Lhe perguntassem, em Nazareth, se vivia contente, responderia como o piedoso noviço:

- Não vivo para satisfação minha, senão para servir a Deus.

Agradava a Deus... era o bastante para Ela.

Sofria, ia em exílio, experimentava todas as provações: a pobreza, a miséria, o ódio, a perseguição. Como poderia Ela alegrar-se no meio de tudo isso? Pouco importa, servia a Jesus; era o que bastava.

Estava neste mundo, mas sem ser do mundo; passava através da nossa lama, das baixezas e misérias, sem tocá-las. Em tudo só procurava a vontade de seu divino Filho.

Oh! esquecimento heróico de uma alma santa! Sofro, sou odiado, perseguido, desconhecido. Nada lamento, não vim para alegrar-me.

Sofro, mas permanecerei no meu posto, enquanto Deus o quiser: só quero agradar a Ele.

Oxalá a doce Virgem de Nazareth nos ensine este segredo divino! Por isso, colocando-nos francamente diante Dela, examinemos se verdadeiramente procuramos a vontade de Deus.

À primeira vista parece muito simples... e, entretanto, que tremendo exame de consciência para nós! Tenhamos a coragem de o fazer. Vejamos:

Por que *motivo* trabalhamos geralmente?

Qual é a *preocupação* dominante dos nossos pensamentos?

Qual a *tendência* preferida de nossas afeições?

Qual a *intenção* preponderante de nossas ações?

Não visamos a nós mesmos? Não é nosso prazer? Nossa conveniência? Nosso interesse? Nosso humor? Nosso capricho? Nosso gosto? Nós... sempre nós.

O que enxergamos em primeiro lugar? *Nós.*

O que amamos? *Nós.*

O que procuramos? *Nós.*

Nós, antes de Deus; nosso interesse antes de sua glória.

Ó santa, ó divina Virgem! que distância, que abismo entre teu comportamento e o meu, entre teu fervor e a minha tibieza.

Chamamos felicidade o que *nos* agrada, e denominamos infelicidade o que *nos* desagrada; ao passo que a verdadeira felicidade é agradar a Deus como a soberana infelicidade é desagradar-lhe.

Procuramos consolações em certas práticas de piedade de nossa escolha: estaria muito bem, se nessas consolações procurássemos o meio de nos animar e fortalecer para o dever; mas o motivo das nossas preferências para tal ou tal exercício é muitas vezes o prazer que nele achamos.

Nas obras sobrenaturais de dedicação e de caridade, por exemplo, que lugar ocupam as preocupações da estima, a procura dos louvores, a necessidade da gratidão, o desejo do triunfo! Como nos comprazemos no que fazemos!

Que terrível exame de consciência, se penetrarmos os pormenores dos nossos pensamentos, das nossas afeições, das nossas ações!

- De que me serve isto para procurar *a glória de Deus*?

Eis o que se perguntava em primeiro lugar a Virgem de Nazareth.

- De que me serve isso a mim, para *minha utilidade ou meu prazer*?

Eis o que perguntamos a cada instante.

Perante o abismo que é nossa miséria, compreende-se melhor a necessidade de ter diante dos olhos um modelo tão perfeito, tão suave e tão imitável, como a Virgem Maria.

Resolução: - Acostumârmo-nos a encarar as coisas e os fatos da vida por este prisma sobrenatural, perguntando-nos no começo de nossas ações: Agradará isso a minha boa Mãe? ... ou agradará simplesmente a mim?

Capítulo 17

Maria e a vontade de Deus

Não querer agradar a si mesmo, mas encarar em tudo os interesses de Deus: eis o grande princípio, o caminho seguro pelo qual subimos até o supremo grau da santidade.

Para penetrarmos profundamente e praticarmos esta verdade, ponderemos de que modo nos é manifestada esta vontade divina. Bastará contemplar a doce Virgem de Nazareth, para nela encontrar: o exemplo que *atrai* e o ensino que *ilumina*.

Praticamente a ação de Deus sobre nós se confunde com a sua vontade: conhecer esta é conhecer aquela. O grande cuidado da humilde Virgem era de seguir em tudo esta vontade sagrada; e para bem conhecê-la, estudava cuidadosamente os *mandamentos da lei de Deus* (vontade de Deus simplificada) e alimentava seu espírito pela leitura das Sagradas Escrituras.

Os mandamentos, oh! como os amava a divina Virgem! Muitas vezes recitava-os, ajuntando após cada um: Meu Deus, dê-me a graça de cumpri-lo perfeitamente!

Beijava-os com afeto e agradecia a Deus o ter indicado tão claramente o que tinha a fazer para agradar à sua divina bondade e santificar-se.

E os livros santos, chamados *a Divina Escritura*, como Maria os lia com respeito e amor sendo a palavra inspirada de Deus! Ali é que a Virgem ia buscar consolação, força, generosidade,

no cumprimento de seus deveres cotidianos. Com o livro inspirado na mão, bastantes vezes derramava lágrimas ardentes, primícias de suas dores no Calvário.

Cada vez que lia o livro de *Isaias* – e lia-o de preferência – encontrava ali estas páginas dolorosas das ignomínias do seu Jesus... e então revia-o acorrentado qual malfeitor, escarnecido, aviltado, flagelado, coroado de espinhos, e enfim, expirando nos mais atrozes suplícios, suspenso no patíbulo infame dos criminosos e dos escravos.

Perpassava perante seu olhar este doloroso cortejo... e chorava o seu Jesus.

Depois encontrava no livro de *Jeremias* estas palavras que a fariam estremecer se já não tivesse conhecimento de tudo o que havia de sofrer com o seu Jesus: *A quem te compararei, ó Virgem, filha de Sion, porque imensa como o mar é a tua dor. Quem te consolará?* [1]

E levantando os olhos umedecidos de lágrimas, exclamava radiosa: Quem, ó meu Deus, há de consolar-me! Quem senão Tu mesmo e a certeza de que cumpro com a tua santa vontade!

Deus nos manifesta ainda sua vontade de modo suficiente, por certos sinais, cuja indicação é confiada à nossa diligência. Fala-nos, por assim dizer, *pelas circunstâncias* (vontade de Deus manifestada). Esta ilação deduz-se de que nada acontece sem sua ordem ou sua licença.

A Santíssima Virgem o sabia, e de lá é que provêm sua imperturbável serenidade nas contrariedades, como também sua alegria calma e doce, perto do presépio de Belém, na sua escura morada de Nazareth, ou no alto do Calvário. Em toda parte encontra-se Ela idêntica a si mesma: calma, suave, resignada, completamente submissa à vontade de Deus.

[1] Lamentações, 2, 31.

Grande seria a nossa admiração, se chegássemos a descobrir a ação universal e incessante de Deus na natureza e nos acontecimentos. Princípio primeiro e essencial de todo o ser, o Criador fica o primeiro e essencial princípio de qualquer ato. Nenhum átomo na matéria se move se Deus não o mover, como nenhum pensamento brota em nosso espírito se Deus ali o não forma.

Isso nos faz compreender como todas as circunstâncias da nossa vida, todos os acontecimentos, ainda os mais insignificantes, sejam previstos, permitidos, ou mandados por Deus. É Ele, pois, que nos fala pelas circunstâncias.

A Divina Virgem sabia descobrir esta “voz do Senhor” e obedecendo a esta *voz das circunstâncias* como obedecia aos mandamentos, podia dizer toda a verdade que continuadamente, que em todo lugar: fazia *a vontade de Deus*.

Deus ainda pode manifestar sua vontade, quer pelo *atrativo* ou aspiração ao bem, quer pela *autoridade*, quer pelo *conselho*.

Não urge mostrar a fidelidade da Virgem de Nazareth nestas diversas manifestações.

Se exteriormente Deus se serve das *circunstâncias* para elas nos convidarem, internamente, faz surgir *atrativos* que nos solicitem ao dever. Ao lado do atrativo para um fim geral, existe um outro impulso particular a cada ato que se chama: aspiração ao bem.

Vivendo como vivemos em sociedade, certas indicações divinas podem ser transmitidas por via de autoridade ou de conselho. É deste modo que foram transmitidos a Maria por intermédio de José, o nome que se devia impor ao Menino Jesus, como também a ordem de fugir para o Egito, e a de voltar para a terra natal.

Com que amor e submissão a Virgem de Nazareth entrava na vontade Deus!

À vontade Divina que lhe era manifestada nos mandamentos e nos conselhos, respondia pela *obediência*, que age ou se priva, conforme a natureza do preceito ou do conselho.

À vontade Divina, manifestada pelos acontecimentos, conformava-se ou pela *resignação* que acolhe ou pela *afeição* que lhe abre os braços.

Tratava-se da vontade futura; esperava-a com confiança. Quanto aos atrativos e as aspirações do bem, correspondia com a fidelidade e a graça.

Tal foi a conduta de Maria em procurar a vontade de Deus e em corresponder-lhe com toda a perfeição possível. Deus quer elevar-nos e nos fazer alcançar a perfeição. E para isto, dá-nos a luz e as graças necessárias.

A nós toca responder-lhe, cooperar com elas pois que nossa santificação é uma obra *a dois*, comum a Deus e a nós. Como diz São Paulo: *É a graça de Deus que age, mas junto com ela, nossa própria ação.*

Resolução: Como no-lo ensina a Virgem de Nazareth, ponhamos como fundamento de nossa virtude, a fiel observância dos mandamentos da lei de Deus, procurando, em seguida, adaptar-nos às circunstâncias, pelas quais Deus nos manifesta sua vontade, nas diversas fases da nossa vida.

Capítulo 18

O Santo Abandono

O santo abandono, para as almas desprendidas e delicadas é a conclusão desejada da doutrina exposta nos capítulos precedentes. Que este abandono seja a característica da Virtude da Virgem de Nazareth, têmo-la demonstrado por várias vezes. Porém o assunto é tão fecundo, prático e alentador, que não será mal consagrar-lhe um capítulo inteiro.

O santo abandono é um edifício baseado sobre duas colunas inabaláveis: a *confiança* e a *admiração*.

A *confiança* fortalece a alma no pensamento que Deus cuida de nós, que somos seus filhos, que o nosso presente e porvir estão nas suas mãos.

A *admiração* surge à vista destes milhares de mundos gigantescos lançados numa marcha vertiginosa e regular pela onipotência divina e à vista da ordem dos seres infinitesimais que vivem, crescem e se multiplicam numa harmonia perfeita.

Em presença destas visões majestosas, deste infinitamente grande e deste infinitamente pequeno, quem não sentirá sua dependência e não conceberá um desejo ardente de abandonar-se à esta divina ação?

Esta união à ação de Deus é o *sonho* e a *necessidade* do amor. Todo amor tende para a intimidade, motivo por imperioso mister de *dar* e de *se dar.*

Eis a evolução do santo abandono. Esta doutrina é de tamanho alcance que deu ensejo à formação de uma escola de espiritualidade, muito apreciada de S. Francisco de Salles, de Santo Ignácio, de Bossuet, Fenelon, do Padre Causette e de um grande número de autores espirituais. [1]

Notemos que na prática do santo abandono, a alma não abdica as suas justas iniciativas, mas simplesmente suas inúteis preocupações. A calma concentra suas forças e a confiança as multiplica. Sua fidelidade é tanto mais ativa quanto mais despreocupada de tudo.

Sendo assim, compreende-se logo que a doce Virgem de Nazareth vivendo perto de Jesus, conhecendo a Jesus, como jamais criatura alguma o conheceu, penetrando a sua ação, associada à obra redentora, devia praticar este abandono em grau sublime.

Jesus era seu Filho, mas era também seu Deus; e como filha de seu próprio Filho, a doce Imaculada abandonava-se nas mãos Dele, com ilimitada confiança e plena seguridade. Ser benquista de Jesus, e nunca vacilar na sua fé, deixar-se penetrar, embeber deste sentimento, eis a luz que guiava os passos de Maria.

O Filho que ela apertava contra o coração e adorava abismada no seu *nada*, consumida por intensa gratidão, este Jesus era tudo para Maria, e S. Thereza parece ter pintado ao vivo a alma de Maria, dizendo: “Ó Jesus, sabes de tudo; podes tudo e sei que me amas”, ou então Maria realizou a máxima teológica de S. Bernardo: “Tranquillus Deus Tranquillat omnia et aspicere Deum, quiescere est”. Deus tranqüilo tranqüiliza tudo e contemplar a Deus é o mesmo que aquietar”.

[1] Esta doutrina mal interpretada, e em certos pontos exagerada, deu origem ao: “Quietismo”, erro condenado pela Igreja. Mas o santo abandono aqui exposto nada tem que se aparente com a doutrina quietista ensinada pelos Jansenistas de Port. Royal, a cuja influência, infelizmente não soube escapar o grande Fenelon.

Mas o amor, chegado a este ponto, não se contenta da simples confiança, e procura uma prova de ternura mais expressiva: o amor *dá* e *se dá*.

Ó, como a Virgem de Nazareth *dava* e *se dava*!

Ela dava a Jesus tudo que tinha: seu repouso, seu leite, sua existência inteira; e, quando nada mais achava nas mãos que ela pudesse dar, o coração ia dando sempre... ia dando amor e dando desejos e mais ofertas.

Prostrada diante do berço onde dormitava o Criador – e mais tarde – onde descansava seus membros fatigados o adorável adolescente da oficina, a Virgem se oferecia, entregava nas mãos de Jesus o coração, a alma, as faculdades, para viver unicamente por Ele.

E Jesus aceitava esta oferta: sorria à generosidade de sua Mãe: fazendo-a sempre crescer em graça, em virtude, em beleza e em glória...

O santo abandono produziu em Maria esta paz inalterável que nela admiramos; paz que a deixara tão calma e resignada nos ferozes tormentos de Calvário, como tinha sido calma e humilde nos transportes do presépio.

Esta paz coloca na fronte da Imaculada uma simplicidade cheia de atrativos e admirações, simplicidade majestosa e humilde que soube unir debaixo do mesmo véu, as grandezas da Rainha, as ternuras da Mãe, as delicadezas da Virgem.

Com o exemplo da Virgem, abandonando-nos um pouco mais à Providência paterna de Deus, tenhamos maior confiança Nele. Depois das mil experiências, criemos esta convicção: só acontece o que Deus permite; as nossas previsões, cálculos, nossas inquietações, e rebeliões deram sempre o mesmo resultado, a realização dos planos divinos.

Tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus. Enxergando somente o lado exterior, limitando o nosso ponto

de vista aos acontecimentos que se sucedem, queixamo-nos, às vezes, da marcha e do resultado das coisas: olhemos para mais longe e para mais alto, e descobriremos maravilhas. Percebendo a ponta do dedo Daquele que governa o mundo, nos fiaremos Nele, pois não deixa cair nem um cabelo de nossas cabeças, sem licença sua.

A falta de reflexão sobre estas profundas verdades, não permite nascer as disposições fundamentais do santo abandono: a *confiança* e a *admiração*.

A contemplação dos exemplos da Virgem de Nazareth iniciar-nos-á de um modo particular na prática deste santo abandono.

Resolução: - Cada manhã ofereçamos à Virgem Imaculada e lhe consagremos todo o nosso ser, pedindo-lhe que faça nascer em nós os sentimentos deste santo abandono que alimentaram a sua alma em todo o tempo que viveu.

Capítulo 19

A Oração da Virgem

A palavra *oração*, no sentido mais lato, indica: *elevação da alma a Deus, a tendência habitual de procurar a Deus, a felicidade de viver com Deus, pela adoração, pela submissão e pelo amor.*

É o que de nós pede Jesus Cristo, por estas palavras: *Oportet semper orare*; é mister orar sempre e nunca desistir de fazê-lo.

Esse estado toma o nome de *recolhimento*, porque a vontade *recolhe* todas as faculdades da alma: a inteligência, a memória, a imaginação, o amor, e até os sentidos materiais, para deles fazer homenagem a Deus, e pô-los ao seu dispor plena e generosamente.

Já tratamos muitas vezes deste assunto e o contemplamos em prática na vida da Virgem de Nazareth; falta-nos, pois, estudar a oração no sentido mais prático e mais limitado.

Neste sentido a palavra *oração* indica: *uma aproximação direta da alma a Deus, para adorá-lo, amá-lo, agradecer-lhe e pedir-lhe suas graças*.

Esta aproximação se faz diversas vezes durante o dia pelo que chamamos: *exercícios espirituais*.

A Virgem de Nazareth consagrava a Deus durante o dia e durante a noite, horas marcadas para esses exercícios.

Em Nazareth, fazia a *oração solitária*, interna ou privada, e também a *oração comum*.

O Salvador aconselhava: “Quando quiserdes orar, retirai-vos à solidão, fechai a porta de vosso quarto, e invocai ao Pai celestial em segredo”.

A divina Virgem, às vezes, recolhia-se à parte, ajoelhava-se, prostrava-se de face contra a terra; e ali na intimidade, contemplava o Senhor, de coração a coração, e face a face.

Anjos da guarda da Sagrada Família, tantas vezes, testemunhas da oração da Mãe de Deus, vós só podereis dizer-nos o fervor, o anelo, o irresistível poder desta prece virginal, da qual cada palavra, como uma flecha divina, tocava o coração de Deus, e contribuía para a salvação do mundo!...

E quando é que assim orava a Virgem Imaculada?

Em primeiro lugar: *de manhã ao acordar-se.*

O sono, sem dúvida, devia interromper e, naturalmente, interrompia a contínua adoração a Deus, mas como conseqüência das graças imensas, e também em virtude do costume adquirido, a lembrança de Jesus nunca a deixava, quer de dia, quer de noite. Podia-se dizer dela, ou melhor, a ela podia aplicar-se as palavras da Sagrada Escritura: “Eu durmo, mas meu coração vigia”.

E de manhã, o primeiro olhar como a primeira palavra que brotava de seus lábios era: Jesus!

“Jesus! Jesus! eis-me aqui ainda perto de ti, para servir-te e amar-te!”

A Santíssima Virgem ainda orava, *durante o dia*. Tinha suas horas de oração, de exercícios de piedade, durante os quais sua prece subia a Deus, em palavras mais ardentes, mais submissas, mais dedicadas.

Era a prece da *filha amorosíssima* que tem necessidade de manifestar constantemente seu amor: da *mãe* que se apraz em contemplar o fruto de suas entranhas e de conversar com ele; da *corredentora*, que já tomava interesse na obra da regeneração, preparando-a e orando por nós todos a Jesus.

Maria também orava *à noite*. Preferia esta hora de silêncio em que Deus parece estar mais perto de nós. Como devia ser ardente e grata a prece de cada noite que, perto de seu leito, fazia a doce Imaculada!

A exemplo de Maria, em união com ela, ao pé de sua imagem, ajoelhai-vos, de noite, contemplai-a rezando, e vossa alma, diz São Francisco de Salles, encher-se-á de Jesus; contraíreis seus bons modos, de juntar as mãos, de abaixar o olhar, de apresentar-vos diante de Deus, respeitoso, submisso e confiante. Depois adormecereis em companhia dessa boa Mãe, entre seus braços, como fazia o Menino Jesus!

À oração solitária de cada um em particular, deve-se juntar a *oração da família.*

É um espetáculo arrebatador reunir-se uma família cristã, após a refeição, ajoelhar-se, à noite, aos pés do Crucificado e dirigir ao *Pai comum*, do Céu, a derradeira súplica do dia.

Em Nazareth, todas as noites, Maria e José continuavam esses santos exercícios.

E lá nas alturas os anjos escutavam, e conforme Jesus afirmara mais tarde: o Pai celestial vinha presidir esta oração.

E, após a *prece da noite*, Jesus adolescente levantava-se, ia, piedosamente, colocar-se de joelhos diante de seus pais queridos, pedindo a sua benção: recebendo na sua cândida fronte o beijo amoroso da noite, ao mesmo tempo que se estendiam sobre ele, as mãos trêmulas de emoção de Maria e de José!

Felizes as casas, onde os pais, à hora do descanso abençoam aos filhos, fazendo-lhes sobre a fronte o sinal da cruz. “A bênção do pai, diz o Espírito Santo, consolida a casa do filho”.

Tal foi a prece da doce Virgem de Nazareth. *Pedi e recebereis*, disse Nosso Senhor. a promessa é formal. Se

nada temos, é sinal que nada pedimos ou que pedimos mal. Disse ainda: “É preciso rezar sempre e nunca desistir”. O *espírito da oração* é o recolhimento, tão caro às almas piedosas, que amam a Deus.

Ele consiste em conservar-nos unidos a Deus, para santificarmos todas as nossas ações e podermos dedicar-nos a Ele com mais generosidade. Esta oração mais positiva, mais íntima, a certas horas do dia, nos põe mais direta e perfeitamente em contato com Deus, para prestar-lhe homenagem e expor-lhe nossas necessidades.

Resolução: Imitando a doce Virgem de Nazareth, reservemos uns instantes, durante o dia, para falarmos a Deus na intimidade, mormente de manhã, ao acordarmos; e de noite, ao deitarmos; antes e depois das refeições, renovando de vez em quando, durante nossas ocupações diárias, os bons propósitos formados pela manhã.

Capítulo 20

Submissão de Jesus a Maria e José

Quantas páginas admiráveis têm sido escritas sobre a submissão de Jesus a seus queridos pais!

O Evangelho apenas nota esta particularidade das virtudes de Jesus, até o começo de sua pregação. *Era-lhes submisso.*

Como é simples! Como é divinamente profundo! A submissão é a prática de todas as virtudes. Ser submisso a Deus e a seus representantes, na terra, é toda a santidade, assim como a insubordinação é a reunião e a prática de todos os vícios.

Para mostrar-nos a queda dos anjos rebeldes, o Espírito Santo nos indica simplesmente o orgulho, o *"non serviam"* de Lúcifer. Tal palavra tudo explica.

Na origem das coisas, um *non serviam*, transtorna a criação. Na origem do mundo, um outro *non serviam* posto em prática atrai a maldição divina sobre toda carne. Jesus vem reparar tudo, restabelece tudo. Qual a via conveniente para isso? Ei-la: *serviam*, servirei, serei escravo. Tal o antídoto. O homem quer ser Deus... Deus se fará o último dos homens.

Esta simples frase: era-lhes submisso expõe, em três palavras, toda a economia da redenção. Ser submisso é a perfeição. Não procureis outra. Não existe. Toda obra e toda virtude edificadas sobre a insubmissão são frutos de Satanás, como tudo que se apóia na humilde submissão é divino.

Jesus obedecia então. A doce Virgem de Nazareth que possuía em grau tão sublime o instinto das coisas divinas, compreendeu o papel de Jesus, e quanto pudesse ela também queria obedecer, ser submissa. Daí uma tocante emulação entre Jesus e Maria, não para elevarem-se, mas para se submeterem reciprocamente.

Isso explica a aspiração dos santos de abaixarem-se, de submeterem-se e de desaparecerem até!... Elevados como são eles pelos sentimentos e pelo ideal que cobiçam, sentem o desejo de humilhar-se, de submeter-se para mais se aproximarem de Deus.

Tais eram as aspirações de Jesus e de Maria. Pode-se dizer até que a submissão era a sua vida. Jesus era submisso como *filho de Maria*, e por isso cercava de amor, de respeito e de veneração à sua querida Mãe.

A Imaculada, cheia de admiração, mais de uma vez implorou ao Filho poupasse-lhe estas manifestações tocantes de piedade filial, que a cobriam de confusão e permitisse que ela mesma o servisse em lugar de ser por Ele servida.

Mas Jesus invariavelmente lhe respondia por estas palavras, que mais tarde dirigira ao Precursor São João Batista: “Deixa por ora, que assim se cumpra toda a justiça”.

Santo Antônio admiravelmente descreve esta santa emulação entre a Virgem de Nazareth e seu divino Filho. Escutai:

“Embora, pela geração, a Virgem Maria fosse a mãe de Jesus Cristo, ciente, porém, de que seu filho era o autor de sua vida, o Deus e o senhor de todas as coisas, comportava-se sempre para com ele não como mãe, mas sim como serva submissa”.

“Cristo, seu Filho verdadeiro, honrava-a como sua mãe, mas ela nunca exigia este respeito, antes renunciava que Jesus lho manifestasse, devolvendo-o a ele, mesmo após tê-lo recusado para si”.

“Que belo espetáculo aquele da luta íntima entre a Mãe e o Filho. Maria queria prevenir prostrando-se ante aquele que se prostrava diante dela; mas seu Filho, conhecendo o porvir como conhecia o presente, adiantava este sinal de respeito para com aquela que queria antecipar-se”.

“A Mãe caindo de joelhos adorava o seu Filho; mas Jesus humildemente se inclinava àquela que o adorava”.

Maria então lhe dizia: “Senhor, não convém que um Deus se incline diante de uma mulher!”

Mas ele respondia: “Convém, entretanto que um filho seja submisso a sua mãe!”

- “Deixa-me, meu Filho, continuava a Virgem, deixa-me cumprir o preceito que tu mesmo nos deste: Adorarás ao Senhor teu Deus!”

“Jesus respondia: e vós por vossa parte, minha mãe, deixai vosso filho cumprir com o preceito no qual Ele diz em previsão da encarnação: Honrarás teu pai e tua mãe!”

“Levanta-te meu querido Filho, continuava a Santíssima Virgem, para que os anjos não vejam prostrado diante de uma pobre mulher, Aquele a quem adoram”.

- “E vós, ó minha querida Mãe, respondia Jesus, levantai-vos, ficai de pé, para que os filhos dos homens não vejam a Mãe inclinada diante de seu filho. Deus e os anjos censurar-me-iam se não te venerasse e se permitisse que diante de mim tomasses a atitude de servo como queres”.

- “E eu, repreensível seria aos olhos de Deus, dos anjos e dos homens, se não conservasse o respeito devido à minha Mãe”.

“Tais e mais profundas ainda eram as observações que com doçura inefável trocavam entre si, o Filho e a Mãe”. [1]

[1] S. Antoninus: Summ. part. 3, tit 31, Cap. III.

Que lição para o nosso orgulho e para o nosso desejo de elevar-nos! Meditemos essas lições que nos dão Jesus e Maria. Compenetrêmo-nos dessa verdade: a felicidade e a verdadeira grandeza consistem não em mandar, mas em *ser submisso*.

Qualquer que seja a nossa posição, o nosso sexo e os nossos títulos, sem abdicarmos dos nossos direitos nem dos nossos deveres, mesmo comandando, podemos ser submissos.

Resolução: - Desconfiemos profundamente do nosso amor próprio, e sem nos contrairmos sem arrefecermos o espírito de iniciativa, saibamos ser submissos pela condescendência, pela bondade, pela dedicação e pelo amor àqueles que nos cercam.

Capítulo 21

A obediência prática

Continuemos o assunto iniciado da obediência da Virgem de Nazareth a seu Filho, esforçando-nos por aplicar à nossa vida os princípios que tão suavemente emanam dos exemplos de Jesus e de Maria.

De tal importância o assunto, que é mister explorá-lo até ao fundo, para adaptá-lo à nossa vida, ou melhor, para nele nos amoldarmos, pois é o *molde da santidade*.

Ser submisso, como era o Menino Jesus, é colocar-se plenamente àquele que se submete debaixo da dependência daqueles a quem obedece. Esta frase indica a *fidelidade* em executar todos os atos materiais ordenados, como ainda os sentimentos que os fazem executar.

Obedecer: é prestar-se a tudo que é ordenado, aconselhado, e mesmo simplesmente desejado por aqueles que têm autoridade sobre nós ou são nossos superiores.

Obedecer: é dar-se por inteiro; é submeter-se completamente; é entregar seu *coração*. Não é verdadeira, nem é completa a obediência que não irradia alegria em redor de si, porque não vem do coração. O coração estimula à obediência e por isso ela deve ser *inteira, alegre, diligente.*

Obedecer: é antes de tudo executar o que se ordena – É o *primeiro grau* da obediência. Depois; é conformar a vontade à vontade dos superiores que ordenam – É o que constitui o *segundo grau*. Finalmente não permitir a si mesmo qualquer reflexão sobre a ordem recebida: - Isto constitui o *terceiro e último grau* da obediência.

Tal era a obediência de Jesus: obedecia porque amava.

No trabalho que executava, sempre tinha o pensamento de glorificar seu Pai do Céu, e também o desejo de alegrar sua mãe, Maria Santíssima, poupando-lhe qualquer pena ou fadiga.

E, a esta submissão de todos os dias e de todas as horas, Jesus ajuntava a dedicação que lhe permitia sua idade.

Ele, que mais tarde disse: “Não venho para ser servido, mas para servir”, começou desde a mais tenra idade, esta doce missão de ser, voluntariamente, e só por amor, o Servo dos outros.

À medida que crescia e que seu corpo lhe permitia mais esforço, sua dedicação tornava-se mais ativa, mais diligente e mais intensa.

O respeito, que Jesus testemunhava a seus queridos pais, faz bem compreender que não deixava passar nenhuma ocasião de agradar-lhes e que sempre se esforçava por satisfazer os seus menores desejos. De modo que nos é lícito representá-lo, ora ajudando a Santíssima Virgem, ora assistindo a São José no seu penoso trabalho. “Não é ele o artesão, o filho de Maria?” dirão dele mais tarde seus próprios patrícios.

Desta submissão de Jesus a Maria, temos de tirar uma conclusão importantíssima, e excepcionalmente gloriosa – para a Virgem Mãe. Podia-se dizer até que essa submissão de Jesus constitui o mais belo título de glória, que jamais foi concedido a outra criatura. Ela é tão extraordinária, que excede a inteligência dos homens e até a dos anjos.

Escutemos São Bernardo desenvolver esta bela verdade:

“Um Deus, exclama o santo Doutor, a quem obedecem anjos e arcanjos, era submisso a Maria, e não somente a Maria, mas a José, também por causa de Maria”.

"De qualquer lado que nos viremos, ficamos tomados de admiração: o único embaraço consiste em saber o que é mais admirável se a condescendência amável do Filho, ou a suprema honra da Mãe. De cada lado, o mesmo motivo de admiração, a mesma maravilha a contemplar".

"Que Deus seja submisso a uma mulher é exemplo de humildade sem precedente; que uma mulher seja obedecida por um Deus, é honra que ninguém com Ela partilhará".

"O homem, conclui o mesmo santo, aprende a obedecer: terra e pó aprendem a curvar-se e a submeter-se" [1].

Submeter-se! Não esqueçamos: isto é, ao mesmo tempo, a via e o termo da nossa perfeição.

Nada nos custa tanto como a submissão.

Como alcançaremos domar o orgulho e forçá-lo à submissão?

Só existe um meio: o de compenetrar-se cada um profundamente de que obedecer a um superior é obedecer, não a um homem, mas a Deus.

Obedecer a um homem, humilha, abaixa, degrada.

Obedecer a Deus, eleva, engrandece, enobrece.

O que todos procuram, o que sempre desejamos, é engrandecer-nos, é levantar a nossa pequena estatura.

Enquanto se vê o homem que ordena, nossa inclinação é de julgar, de criticar, de desaprovar as ordens recebidas; ao passo que enxergando só a Deus, mormente nos atos religiosos, em que se serve desse homem para manifestar sua vontade... quando se vê a Deus, quando se ouve a Deus, falando, ordenando por esse homem, ah! então, a obediência não pesa mais, porque submeter-se a Deus não custa; convencidos ficamos que sem Ele, não sabemos nem podemos absolutamente nada.

[1] S. Bern.: Hom. i. Sup. Missus est.

Não é, pois, uma ficção piedosa, é sim, uma realidade viva, incontestável: “Quem vos escuta me escuta”. *Qui vos audit, me audit*, disse o Senhor a todo o superior legítimo.

Os superiores são, portanto, o véu – véu transparente ou espesso, delicado ou grosseiro, rico ou vulgar; pouco importa a fazenda – mas sempre é o *véu*, atrás do qual Deus se esconde, para falar-nos e para manifestar-nos sua vontade.

O que os inferiores devem enxergar, não é o véu; mas Aquele que se acha atrás. O que devemos escutar, não é o que nos ditam as impressões, provenientes do aspecto do véu, mas a vontade de Deus que através dele, chega até nós.

Eis o segredo da obediência... o segredo de assemelhar-se à Virgem de Nazareth... de ser para ela um outro Jesus.

Resolução: Acostumêmo-nos a estas vistas sobrenaturais elas são necessárias para abrir nossos corações e dar-nos esse entusiasmo divino, na prática da virtude, que tanto admiramos nos Santos.

Capítulo 22

Uma devoção antiga

Nazareth era a morada de Jesus, e, como tal era o seu verdadeiro “Santuário”. Santuário augusto, mil vezes mais digno de respeito e de veneração que o templo Santo em que se tinha recolhido o Altíssimo, na cidade de Jerusalém, onde residia sua majestade, mas não demorava sua pessoa.

Nazareth era um santuário. O mundo considerava a humilde ermida, como uma simples habitação de José e de Maria; mas o Céu, ali, via outra coisa: nela venerava o Templo onde residia em pessoa o Deus do Céu.

E este pequeno santuário, desconhecido do mundo, como tudo que é santo e sagrado, era continuamente rodeado de espíritos celestes, que o veneravam qual um pequeno canto do Céu. Que digo? – como o Céu mesmo. Ditosos demais considerar-se-iam aqueles a quem tivesse sido dada a ventura de concorrer, de qualquer modo, para limpar ou adornar essa humilde choupana.

Em certos intervalos, para aliviar talvez da fadiga a doce Mãe de Jesus, este favor era concedido a outras pessoas, mas geralmente, tinha ali o privilégio, a Santíssima Virgem: era ela mesmo que tudo arrumava, limpava, adornava, varria, escovava. E fazia-o com tal gravidade e impressionada por uma piedade tão tocante que lhe parecia tratar de objetos sagrados, destinados ao culto divino.

De fato,... não seria assim?! Se, em nossos dias, o Menino Jesus, aparecesse neste mundo, a poeira calcada pelos seus

pés divinos, como objeto santificado pelo seu contato, seria logo recolhido, venerado, contemplado com olhares ávidos e coração emocionado.

Pois a Santíssima Virgem de Nazareth possuía num grau incomparavelmente mais alto e mais delicado este respeito das coisas santas, este culto de Jesus. É por isso que considerava ela sua pequena ermida, como um santuário, Templo da divindade, digna de toda veneração, de todo o amor, onde *servir* era *reinar*.

Com que piedade então, a Santíssima Virgem varria este santuário – para limitar-nos a uma das demais funções que nele cumpria; com que respeito ela escovava e arrumava os poucos móveis. Numa palavra, fazia todos os ofícios que a ordem e a limpeza exigem em uma casa.

É simples. O mundo o achará talvez vulgar; mas, aos olhos da fé, parece divinamente belo, sublime ao mais alto grau, e sobretudo digno de ser imitado em todos os sentidos.

Não perpetuou Jesus sua presença entre nós? Não o possuímos tal qual Maria o possuiu em Nazareth? É verdade que seus pés divinos não calcam mais esta terra, porque Ele condenou-se a uma aparente inação; mas a luz que nos cerca e ilumina, o ar que respiramos vão, mansamente, acariciá-lo na sua solidão voluntária do Tabernáculo, enquanto a poeira e o esquecimento vão depor na sua morada, sobre os móveis e objetos que O cercam, o sinal de nossa indiferença e de nossa ingratidão para com Ele.

Oh! se vivesse ainda a Santíssima Virgem, como ela varreria a morada de Jesus, como tudo resplandeceria em rodor Dele, em limpeza, em decência, e como seu amor apareceria através de cada objeto, ao serviço do culto de seu Filho!

Maria não está mais ali... mas dizei-me almas piedosas, por que não *substituís à doce Virgem de Nazareth?* Por que não tributais ao bom Jesus os serviços materiais que a Virgem não lhe pode mais prestar, e dos quais Ele ainda precisa?

A Igreja, vossa Igreja, onde gostais de rezar, que visitais e onde recebeis a Jesus sacramentado, não é ela *uma outra Nazareth?* E não é mister mão amiga – digamos melhor – não é preciso um cuidado maternal para limpar, varrer, escovar, lavar, tudo que é do serviço de Jesus?

Para que confiar a mãos mercenárias estes ofícios verdadeiramente sagrados?! Ofícios os mais santos, os mais augustos que só poderão executar, com amor e dedicação, mãos cristãs e piedosas!

Precisarás, então, de mercenários, ó Nazareth?! Não haverá uma alma piedosa que possa generosamente substituir a Virgem Maria?!... renovando e continuando tão santa devoção?

Oh! não duvidemos que de um instante para outro, o Vigário de nossa Igreja veja algumas pessoas a procurá-lo um tanto tímidas talvez, mas resolvidas a pedir por favor *a honra de varrer a casa santa de Jesus.*

Moças piedosas, vós principalmente, “Filhas queridas de Maria” que talvez não saibais em que empregar o vosso tempo de lazer, vós também senhoras cristãs, que possuís criadas de serviço em vossa casa, imitai a Maria, fazendo-vos por alguns instantes *servas de Jesus Cristo.* Colocai, com brio e disposição sobre vossos belos vestidos, o humilde avental de criada de Jesus... varrei e escovai sua santa morada... arrumai em ordem perfeita tudo que é do serviço de nosso Redentor.

De certo que, no último dia da existência, estes atos de filial afeição e de piedosa humildade serão contados entre os mais meritórios de vossa vida, embora o mundo agora os considere com indiferença e até com desdém.

Não limiteis a vossa piedade apenas aos cuidados manuais, que podeis prestar à casa de Deus. Mas, outros ainda, se vossas condições permitirem, não lhes negueis um pequeno

auxílio. Há Igrejas abandonadas que, por serem pobres, carecem de alfaias e outros misteres; conventos e congregações religiosas que definham à mingua de recursos. Socorrei-os à medida de vossas forças e com a melhor boa vontade.

Finalmente, cuidai da *roupa de Jesus*. Será exercer o ofício de Maria... será substituir a Virgem Imaculada bem junto de seu Filho! Perto de Jesus sereis uma outra Maria.

Que doce e consolador ofício!... Estes panos, preparados pelas mãos da Virgem, talvez diretamente, como o *corporal, o purificatório, a pala do cálice*, tocam a Jesus!

Experimentai, almas piedosas, esforçar-vos para reabilitar-se e divulgar-se esta santa devoção, que não será com certeza a menos agradável a Deus.

Resolução: Interroguemos a nós mesmos, algumas vezes, em que será possível substituirmos um pouco a Virgem de Nazareth, junto de Jesus, morando conosco. O nosso amoroso coração e a nossa piedosa gratidão inspirar-nos-ão diversos meios de o servirmos, empenhando-nos assim em sermos para Jesus uma “outra Maria”.

Capítulo 23

A pureza da Virgem

Não vamos tratar aqui da Conceição Imaculada de Maria. Pura e sem mancha, preservada, em previsão e pela antecipação dos merecimentos de seu divino Filho, Maria nunca conheceu as paixões que nos perturbam e nos perdem.

Mas embora ela fosse *impecável*, devido à superabundância das graças com que o Altíssimo a tinha enriquecido, a Virgem de Nazareth *praticava* realmente esta virtude angélica, e praticava-a com todo o cuidado, com todas as preocupações e todo o ardor, que deveríamos empregar para adquiri-la, conservá-la e aformoseá-la.

Santo Ambrósio chama à Bem-aventurada Virgem *"o porta estandarte da virgindade"*. De fato, é ela que, por assim dizer, inaugurou esta vida angélica, desconhecida antes, que admiramos nesta legião de virgens, caminhando nas pegadas santas do Salvador, debaixo desse título tão simples quão sublime de *"religiosas".*

Era pura a divina Mãe de Jesus. Não somente pura no sentido material da palavra, isto é, isenta dessas vergonhosas e aviltantes paixões que na terra devastam tantas almas e apagam em tantos corações a radiação da chama do amor; mas pura de uma pureza ideal e divina.

Maria estava acima, infinitamente acima das concupiscências da carne, acima das vulgares paixões, acima dos ataques do inferno e dos miasmas envenenados da terra.

Seu coração virginal que forneceu o sangue da “Pureza” mesma, que é Jesus, não batia e não podia bater, senão para Deus. Todas as forças vivas de sua alma concentraram-se sobre aquilo que mais aproxima o homem da divindade: *a pureza*.

Ela era divinamente pura e, entretanto, coisa admirável, tomava todas as *precauções*, vigiava com toda a *solicitude* e tomava todas as medidas de *prudência* para conservar intacto e sem sombra, o lírio, que Deus lhe tinha colocado nas mãos.

Que *reserva* nas relações com o próximo, que *modéstia* no olhar, que *vigilância* sobre todos seus sentidos! Muitos, vendo a Virgem de Nazareth, tinham pensado que fosse sujeita a todas as influências da corrupção que a rodeava.

Tê-la-iam apreciado assim, não em conseqüência das lutas que sustentava, mas sim julgando-a pela prudência e precauções de que se cercava.

Admiramos nos Santos esta prudência contínua, esta espécie de ciúme de não ceder nada à natureza pelo esforço do espírito. E, entretanto, entre os Santos e a Rainha dos Santos, é impossível fazer *qualquer comparação*.

Deus descobre manchas até nos Anjos e nos Santos, mas não as encontra em sua mãe. Aqueles são criaturas, imitando a pureza do Altíssimo; Maria é a Virgem Imaculada reproduzindo e retratando a pureza divina.

Ó Virgem! Ó Mãe! Possa irradiar-se sobre nós tua inefável pureza e esconder-se, na tua resplandecente candura, as manchas de nossa alma e as rugas de nosso coração!

De nossa parte, esforcêmo-nos por reproduzir de qualquer modo a pureza de nossa Mãe do céu. Deus não exige de nós uma beleza d’alma tão radiante, somos incapazes disso; - mas, exige os *mesmos esforços*, as *mesmas precauções.*

Não é preciso falar nas particularidades de cada uma destas precauções e de cada um dos meios que empregava a

Imaculada, para aformosear este tesouro. Mas um deles é de importante capital e merece toda a nossa atenção: é a *modéstia*. "A modéstia de Maria, dizia Santo Epifânio, era tão maravilhosa, que os anjos mesmos ficavam admirados, considerando aquela que a praticava, mais um ser divino do que uma simples mulher".[1]

"Impotente é minha pena, diz São João Damasceno, para delinear a gravidade do proceder de Maria, a modéstia de seus trajes. Seu vestido, continua o mesmo Santo, era decente, sem luxo e sem moleza; sua atitude grave, seu andar nobre, suas maneiras cheias de bondade e de doçura".

"O recato de seu olhar era tal, que sempre conservava os olhos baixos; e não os elevava senão para o céu quando oferecia a Deus suas orações, ou quando a glória divina e a caridade para com o próximo obrigavam-na a falar: então exprimia-se em poucas palavras; mas, preciosas eram essas palavras, sempre acompanhadas de graça e de benevolência".[2]

Em conclusão; na linguagem de Maria, no seu olhar, nos seus trajes e nas suas maneiras notava-se apenas *pudor, gravidade, modéstia* e *prudência*. Nunca se expunha aos perigos capazes, se isso fosse possível, de perturbar a beleza de sua alma cândida e pura.

Tal foi a Virgem Maria... E nós?

Que terrível exame de consciência sobre esta matéria, aliás, de tamanho alcance!

Não só estamos cercados de perigos numerosos e muitos inimigos, como os levamos dentro de nós mesmos e ainda assim julgamos supérfluas todas as preocupações que a Virgem de Nazareth não negligenciara.

---

[1] Apud. Niceph. Hist. Lib. VI. C. XXIII.
[2] Orat. de Nat. B. M. V.

Queremos ver tudo, saber tudo, experimentar tudo sob pena de envenenar-nos. Que leviandade em nossos *pensamentos*, em nossos *sentimentos* e em nossas *palavras!*

Que imprudência em nosso olhar, em nosso corpo, no que chamamos, quase convencidos, nossas necessidades, nossas comodidades.

A mortificação nos é desconhecida, a modéstia nos pesa, as futilidades mundanas nos parecem uma necessidade. E, com tudo isso... no meio de tudo isso... quereríamos conservar-nos puros, quereríamos guardar nossa alma para Deus e nosso coração para o serviço da Virgem de Nazareth!

Ponderemos bem: um só é o caminho da santidade; é aquele que seguiram todos os santos; é aquele que a Mãe de Jesus nos mostra; este caminho chama-se o *recato* do coração, a *fuga* das ocasiões, a *modéstia* dos sentidos.

Resolução: Examinêmo-nos sobre este assunto, não nos limitando a desejar a virtude, mas praticando-a resolutamente, sobretudo a santa virtude da pureza.

Capítulo 24

A pobreza da Virgem

O mundo detesta a pobreza. Para ele é a derradeira das calamidades. Perder a honra, a estima, uma posição saliente, são desgraças tristíssimas; mas perder a fortuna, para muitos, é pior que a própria morte.

É que o mundo nada entende das coisas divinas. O Salvador mesmo disse que não orava para o mundo e que este ficaria condenado às trevas e às contradições mais absurdas.

Os Santos, que tem o *instinto* das coisas divinas, desprezam as riquezas, receiam-nas até, cientes dos perigos que trazem consigo à salvação da alma; perigos tamanhos, que o Salvador habitualmente tão doce, tão discreto, tão propenso à indulgência, tem para com os ricos ameaças que assustam, e para com as riquezas aversões que espantam, ou que ao menos deveriam espantar os ricos.

Não disse ele que era mais difícil um rico entrar no céu, que um camelo passar pela abertura de uma agulha? A história do rico e de Lázaro, a do mancebo rico e outras semelhantes são conhecidas de todos.

Felizmente não há só maus ricos, ainda os há bons... e esses, para seus irmãos, são a Providência de Deus, feita visível. O que Jesus detesta não é tanto a riqueza, quanto o apego a ela. Não é a pobreza ou o ser pobre que é virtude; mas sim a pobreza voluntária ou ao menos aceita de boa vontade.

Pode-se ser *pobre voluntário* no meio da riqueza, das honras, como sob o teto da choupana onde habitam *as privações* e *a miséria.*

Pode-se ser pobre, embora revestido de púrpura e empunhando o cetro, como São Luiz, Santo Henrique, Santo Eduardo, São Venceslau; tal se pode ser sob os farrapos da mendicidade, como São Francisco de Assis e São Bento Labre.

O que é absolutamente necessário à perfeição, quer no seio da pobreza, que na abundância da riqueza, é a *pobreza voluntária*.

Pois é desta mesma pobreza que a Virgem de Nazareth nos dá exemplos heróicos.

Ela era de origem real, nascida numa certa opulência, e herdeira única dos bens de seus pais São Joaquim e Sant'Ana, os quais, conforme diz a tradição, possuíam bens assaz importantes.

Mas, a tradição também cientifica que, depois da morte de seus pais, Maria distribuiu o seu patrimônio aos membros de sua família e aos pobres, reservando-se apenas a pequena ermida de Nazareth, destinada a tamanhos mistérios.

Mais tarde os Reis Magos do Oriente ofereceram ao seu divino Filho presentes consideráveis, que permitiam à Sagrada Família ter uma vida sossegada, sem preocupações para o futuro, mas apenas recebidos estes presentes, foram-se eles pelo caminho da esmola, levando às cabanas dos pobres um pouco de bem-estar de que não quis aproveitar para si, a Virgem de Nazareth.

Em Nazareth mesmo, o trabalho de São José podia trazer à Virgem Santa o necessário para viver e assegurar o porvir, mas ela não quis reservar-se senão o estritamente preciso, distribuindo o resto aos mais pobres do que ela.

Santa Brígida assegura, em suas revelações, que a Santíssima Virgem fez, desde o princípio de sua vida, um voto pelo qual se obrigara a nada possuir neste mundo; e, tendo inspirado a mesma resolução a São José, reservaram ambos para si unicamente o que era de rigorosa necessidade para sua subsistência, vivendo do trabalho de suas mãos, sem servos, nem criadas.

O traje de Maria era simples, revelando sua pobreza. Conforme diz Santo Epifânio, seus vestidos eram de cor natural, quer da lã, quer do linho. Nunca ela quis vestir fazenda tinta ou estampada. Isto ficou confirmado pelo seu véu e duas saias que se conservaram, depois de sua morte.

Tal foi a Virgem de Nazareth: modelo perfeito da pobreza voluntária, tanto para os pobres de condição, como para os ricos dos bens terrenos. Aos primeiros ela ensina o amor ao seu estado, o contentamento com o que possuem, sem ambição e sem inveja aos outros, mais favorecidos da fortuna. Aos segundos ela ensina a não se apegarem a esses bens da terra; mas, a servirem-se deles para amar e glorificar a Deus, para aliviar as necessidades do próximo, e dar mais vantajoso auxílio às obras pias e caritativas.

A todos, ela ensina esta singela modéstia nos trajes, modéstia que realça a beleza já existente e aformoseia as fisionomias mais vulgares, comunicando-lhes qualquer coisa de sobrenatural, de cordial, que agrada e cativa a todos.

Neste tempo imergido nas extravagâncias de um luxo tão sensual quão ridículo e baixo, precisamos destas boas lições e destes sábios exemplos que nos deixou a Virgem para aprendermos a pôr limites às exigências desordenadas da moda, cada dia mais pagã e ridícula.

Ricos ou pobres, saibamos impor-nos esta privação, tenhamos a coragem de contrariar nossos gostos, desde que não se conformem com o que nos ensina, por tão bons

exemplos, a Virgem de Nazareth. Tal privação permitir-nos-á auxiliar ao pobre com uma esmola mais generosa, assim como dar às obras de santificação um mais poderoso óbolo.

E se acontecer, por este piedoso desprendimento, que qualquer coisa nos falte, bem longe de nos queixarmos digamos com os Santos: *Affatim dives est, qui cum Christo et Maria pauper est.* É bastante rico aquele que é pobre com Jesus e Maria.

Resolução: Não deixaremos passar um dia, sem impor-nos em honra da Virgem de Nazareth, uma pequena privação, para assim imitarmos sua pobreza e desapegarmos nosso coração de toda afeição desordenada às coisas do mundo.

Capítulo 25

A humildade de Maria

A humildade é a virtude das grandes almas. Os corações estreitos, sem horizonte, não compreendem a humildade. Dizer que um homem é humilde, é significar que tem um *espírito reto, justo, penetrante.*

De fato, a humildade não é outra coisa senão o *conhecimento da verdade*, assim como o orgulho é a mentira e a cegueira, sobre a sua própria situação.

É porque se faz uma idéia errada da humildade que tantas almas se espantam diante desta palavra: nada lhes diz senão baixeza, estreiteza de espírito, praticável apenas por pessoas sem talento, sem mérito, sem dotes particulares.

Seu erro é imenso. A humildade nada tem do que imaginam. Ela não é uma virtude que empane, apague, ou impeça a manifestação do talento recebido; ao contrário, dá-lhe toda sua força, toda sua *formosura*, libertando-o do egoísmo, que o avilta e da complacência que o deprime.

Jesus Cristo, adornado de tudo o que a alma, o coração e o espírito humano podem imaginar de mais elevado, de mais perfeito, era infinitamente humilde.

A doce Virgem de Nazareth, aformoseada de tantas e tão sublimes belezas, graças e perfeições, era *a mais humilde* das criaturas, depois de seu amado Filho.

E, a seu exemplo, os santos, entre os quais se conta grande número de verdadeiros gênios, heróis ou sábios de primeira ordem, eram profundamente humildes.

Digamos mais. Quanto *maior* for nossa elevação, *mais profunda* pode ser nossa humildade. São Luiz, no trono da França, podia ser mais humilde que São Bento Labre, debaixo de seus farrapos de mendigo, porque mais pode descer e humilhar-se aquele que mais elevado estiver.

Aquele que nada tem e nada é não pode mais descer ao passo que aquele que está colocado nas alturas, pode descer à medida de sua elevação.

Humilhar-se *não é renunciar* ao que temos nem ao que somos; se *assim não* fosse, reis e rainhas, para serem humildes, deveriam renunciar ao trono, os sábios sepultariam sua sabedoria e os gênios poriam limites às suas investigações... Não, não, nada absolutamente de tudo isso.

Sendo a humildade o *conhecimento da verdade*, basta reconhecer que o que temos e o que somos é um dom da munificência divina. Um *dom* simplesmente; pois, como ninguém deve glorificar-se ou exaltar-se a si mesmo por um dom que recebeu, mas sim ao generoso doador, não devemos atribuir-nos estes dons ou estes talentos; e, por conseguinte, não devemos comprazer-nos com vaidade em possuí-lo, mas sim devolver a glória de tais dons Àquele, do qual emanam.

Eis a humildade. Eis também porque *o mais privilegiado* dos santos é necessariamente *o mais humilde*; como ao contrário o mais humilde dos santos deve ser aquele que mais recebeu de Deus.

É a razão porque a Virgem de Nazareth, tendo recebido de Deus, mais do que todos os santos e anjos juntos, excede em humildade a todas as criaturas.

Ela via-se adornada das graças mais assinaladas; sabia-se concebida sem pecado, tinha consciência de sua incomparável grandeza de Mãe de Deus, Rainha do Céu e da terra. Sabia tudo isso... e compreendia a extensão e a elevação de todas essas coisas. Nada abdicava destas

grandezas, mas em vez de deleitar-se nestas glórias, em vez de querer exaltar-se, *tudo a Deus devolvia*, proclamando que Dele tudo desce e que para Ele tudo deve voltar... considerando-se a si mesma a mais pequena, a mais *humilde serva do Senhor.*

O Todo Poderoso nela fez grandes coisas, tão grandes que todas as nações a proclamarão Bem-aventurada; mas todas estas coisas são do Todo Poderoso e não dela. Muito bem assim entendia.

Oh! grandeza inefável de Maria neste concerto de humildade. Quanto mais alto a levanta o Céu, mais ela se humilha em espírito, porque sente maior a sua dívida para com Deus.

Receber-se alguma coisa de outrem, sem que isso nos seja devido, é tornar-se *devedor* desse outro. Se mais se recebe maior torna-se a dívida. Assim o entende a Virgem Santa; e para desobrigar-se, abaixa-se cada vez mais de modo que sua humildade cresça na proporção dos favores com que Deus a engrandece.

Que lição para nós! Almejamos nossa elevação acima de tudo... e para realizar tal pretensão, fazemos escabelo de nossas dívidas para com Deus, quer dizer, de nossos talentos, de tudo que recebemos do Criador e em vez de fazer admirar o que faz nossa verdadeira grandeza, que são os dons de Deus, procuramos fazer admirar a nós mesmos... Assim nos igualamos ao mendigo, que esquecendo a esmola recebida, dela aproveita para exaltar-se em detrimento do doador, faz-se admirar do que não é seu! Aumenta-se, por acaso, a estátua, subindo numa mesa? Deste modo pode-se apenas exceder a multidão, mas não se é superior a ela: ao contrário, o orgulho que se manifesta abaixa-nos e nos torna objeto da irrisão daqueles que nos cercam e conhecem nossa pequenez e miséria.

Como a Virgem de Nazareth, recebamos da mão de Deus, as grandezas, os bens e as riquezas, mas recebâmo-los como devedores de tão generoso benfeitor, *devolvendo* a Ele toda glória e toda gratidão.

Maria só é tão elevada pelos dons de seu divino Filho – é por estes mesmos dons que Dele devemos aproximar-nos imitando sua humildade e reproduzindo suas admiráveis virtudes.

Resolução: - Lembrêmo-nos todos os dias dos benefícios recebidos do Altíssimo, examinando, um instante, de que modo temos empregado: se para glória de Deus, ou para o nosso próprio benefício.

Capítulo 26

O silêncio da Virgem

O silêncio foi sempre o adorno de uma grande santidade, por isso encerra sempre alguma coisa de divino. O Verbo divino preferiu para si uma vida silenciosa. Por isso toda a sua vida terrestre traz o cunho do amor ao silêncio. Coisa extraordinária que parece inverossímil, em sua grandeza, se meditarmos que este Deus, todo poderoso, vindo ao mundo para realizar a maior das obras, a salvação do gênero humano, acha que o silêncio não seja um obstáculo à fecundidade de sua ação redentora.

Tem de passar somente trinta e três anos neste mundo: ele o sabe; e coisa admirável, dir-se-ia – julgando só pelo exterior – que dissipe este tempo precioso, num mutismo e inação inexplicável.

Cada uma de suas palavras deveria ser um ensinamento, uma virtude... e seus lábios divinos ficam cerrados, silenciosos, transmitindo-nos durante os trinta primeiros anos, apenas num eco longínquo, poucas e lacônicas frases.

Que contraste misterioso!

Na infância, deixa chegar-lhe a palavra pouco a pouco, parecendo adquiri-la experimentalmente como as demais crianças. Debaixo desta aparência, por mais tempo ainda absteve-se de falar.

A doce Virgem, sua Mãe, como por um contágio celeste, guardava o mesmo silêncio, cheio de beleza e doçura.

“Durante os dezoito anos de sua vida retraída, diz o Padre Faber [1], o silêncio reinou na ermida de Nazareth. Raras vezes as palavras vibraram o ar, isso mesmo, sempre com parcimônia e melodia demasiadamente suave para que os acentos novos apagassem os primeiros, quando ainda impressionavam os sentidos dos ouvintes.

Nosso orgulho precisava desta lição, assim como a nossa incorrigível mania de falar continuamente. Qualquer um de nós pode acusar-se desse defeito, embora não se aperceba de sua loquacidade.

Contemplemos um instante o piedoso silêncio da Virgem de Nazareth, como é doce e atraente!

A Santíssima Virgem, como qualquer de nós, tinha necessidade de falar. Falar a Deus, era sua grande, sua principal, podia-se dizer, sua única conversação.

Continuadamente absorvida em Deus, seu coração não conhecia outro amor, como sua alma ignorava qualquer aspiração estranha: mas ela sabia ver e amar a Deus, não somente em si mesmo, mas ainda na pessoa do próximo. De modo que, para ela, falar ao próximo era também entreter-se com Deus.

Mas, deixando este privilégio de sua virtude, pode-se dizer que a Virgem Santa passava silenciosa a maior parte dos dias de sua existência.

Para com o próximo, ela era afável, indulgente e só lhe falava com sobriedade e modéstia, pondo nas palavras um tom de suavidade e brandura que sem molestar ou sensibilizar a pessoa alguma, antes edificava a todos que a ouviam ou dela de aproximavam.

[1] Betlheem.

Em família, Maria falava, procurando sempre afagar ao seu divino Filho e agradar ao Santo esposo, por sua vez em contínua preocupação de imitar o Menino Jesus e à Santíssima Virgem.

Nas suas conversações, a encantadora Virgem não dizia uma palavra inútil ou supérflua. Sorria amavelmente, no intuito de partilhar das alegrias alheias, assim como chorava sobre a desgraça daqueles que lhe confiavam suas penas e contrariedades; afora estas circunstâncias, a Virgem Santa sempre se conservava recolhida, unida a Deus... suavemente silenciosa.

"Conservabat omnia verba haec, conferens in corde suo". Conservava todas as palavras de Jesus, meditando-as no seu coração, diz o Evangelho. Quer dizer, como bem patenteia a palavra *"conservava"*, que as recolhia no fundo de seu coração, não as manifestando exteriormente; mas meditando-as sem cessar, transformando-as em atos de virtude e de amor.

O silêncio é o característico das grandes almas, como a loquacidade é o indício de uma alma vazia e fútil. Pode-se dizer o mesmo do espírito. Observai os homens de estudo, os sábios, os gênios: pouco falam... precisam refletir, preferem por isso viver na solidão; ao passo que não há maior falador e tagarela mais volúvel que o ignorante.

E a Virgem, alimentada, desde sua conceição, do conhecimento e do amor de Deus, como teria podido desviar, num só instante, suas vistas, seu coração mormente, daquilo que era sua vida, a razão de sua existência?!

Oh! nós também, como a Virgem de Nazareth, impregnemo-nos de Deus, dos pensamentos de sua grandeza, de seu poder, de seu amor e como ele sentiremos o desejo de recolher-nos, de calar-nos, para mais comodamente aplicar-se a estas divinas verdades.

Vivendo no meio do mundo, mais ou menos escravos forçados de seus usos e costumes, não poderemos gozar tão plenamente as consolações do silêncio.

Por isso, reservemo-nos todos os dias alguns minutos ao menos para recolher-nos, para calar-nos e fazer calar em nós a zoada exterior do mundo; pedindo a Deus, que, durante estes curtos instantes, nos faça ouvir sua voz e nos manifeste sua divina vontade.

Qualquer que seja nossa posição, podemos com boa vontade fazê-lo, embora fosse simplesmente meia hora, para assim honrarmos o silêncio de nossa divina Mãe do Céu.

Experimentai e vereis que estes minutos não serão estéreis ou vazios: ao contrário, povoar-se-ão logo de pensamentos piedosos, de aspirações santas e elevadas... como a de imitar a Santíssima Virgem.

Experimente! Em vossa vida há talvez tantos instantes perdidos, tantas horas ociosas: tirai delas uma, para a Virgem; só uma que santificareis pelo silêncio e pela oração: talvez seja ela a pedra mais preciosa de vossa coroa no Céu.

Resolução: - Determinemos todos os dias um pequeno instante, durante o qual nos conservaremos em completo silêncio elevando pela meditação o nosso coração a Deus, para consagrar-lhe nossa vida, nossos trabalhos e nossos sofrimentos.

Capítulo 27

O amor ao Dever

Cumprir cada um o seu dever é preciso e até louvável, mas não é bastante. É mister ainda amar este dever!

Tudo o que já dissemos sobre a doce Virgem de Nazareth, nos mostra Maria Santíssima, não só cumprindo o seu dever material e exatamente, mas cumprindo-o alegremente, como é preciso cumprir a vontade daquele a quem se ama e se quer agradar. Podemos cumprir o nosso dever sem amar aquele que no-lo impõe? Não, certamente.

Escutai: “O senhor não é mais o mesmo, disse um dia o Diretor de uma pia associação a um mancebo que, depois de trazer, em benefício de uma obra de zelo, toda a dedicação de sua alma ardente, deixou surdamente consumir-se suas forças no abatimento e na tristeza”.

- “Eu, meu padre, respondeu o jovem, - mas, como?!... não cumpro minhas obrigações com a mesma exatidão? O padre já me viu hesitante, uma só vez, em face do cumprimento do dever?”

- “Não, nunca! e entretanto seria necessário um pouco mais”...

- “Como então, meu pai: *cumprindo bem o meu dever* não é o bastante?”

- “Não, meu amigo. Para bem cumprir o seu dever, não basta o estritamente necessário, *é preciso às vezes, fazer mais que o seu dever”.*

O mancebo inclinou a cabeça e respondeu: “Fazer mais do que o meu dever, e como é isso?”

- “Amando-o; e amando aqueles que no-lo impõem. Ah! sim, ultrapassar o seu dever... esforçar-se por fazer mais, tanto quanto se pode: é o distintivo dos Santos!”

Certas almas boas, piedosas, zelosas até, mas que não são da matéria prima de que se fazem os santos verdadeiros, acantonam-se ao seu dever. Já é louvável que se cumpra o dever do estado. Quantas vezes são desconhecidos, negligenciados, esses deveres de estado?! Precisamos de muitas lições e também de muitos exemplos sobre este assunto de tão grande importância: as lições para instruir-nos e os exemplos para encorajar-nos. A Virgem de Nazareth dar-nos-á isto e aquilo.

A Mãe de Jesus,– temos já referido muitas vezes, – cumpria o seu dever, por inteiro e alegremente... fazia mais do que o seu dever, porque seu amor ultrapassava o dever que lhe era imposto...

A Virgem Santa podendo viver na riqueza, ao menos numa certa abastança, isenta de toda necessidade, preferiu trabalhar para sua manutenção.

Procedia ela, assim como São José, da família real de David. Esta família tinha, na verdade, perdido sua grandeza monárquica, mas, conservava sua riqueza. Refere a tradição que os pais de José e de Maria possuíram bens avultados e por amor à virtude desprezaram essa riqueza em benefício dos pobres.

Após a vinda dos Magos em adoração ao Menino Jesus, a Sagrada Família podia viver num bem estar relativo que lhe proporcionaria o ouro que lhe trouxeram de mimo os três reis. Mas, pouco tempo depois, nada mais possuía desse rico presente; nem ao menos com que comprasse um cordeiro, para a oferta do resgate do Menino Deus, limitando-se a oferecer, como os mais pobres, duas pequenas rolas.

Se Maria e José tivessem consultado o mundo ou a prudência dos homens teriam, de certo, tomado uma resolução diferente. Por que não conservar estas riquezas? Ambos são pobres, sem provisões, sem abrigo.. e neste estado têm de nutrir e educar uma criança. Apresentam-lhes riquezas e apenas recebidas são elas distribuídas aos pobres, talvez menos necessitados que eles.

Isto não é somente o cumprimento do dever, que manda socorrer aos pobres à medida de seus haveres: é o *amor ao dever*, é o cumprimento do dever como o amor cumpre o que dele é exigido, *sem reflexão, sem medida!*

A Santíssima Virgem era pobre, porque quis sê-lo. Ela amava como uma riqueza, o opróbrio e as privações dessa condição.

Era obrigada a trabalhar para ganhar, com São José, o pão de cada dia. Mantinham-se com o suor de seu rosto.

Mas ela amava esse trabalho, como um meio de aformosear sua coroa e assemelhar-se mais a Jesus...

Não olhava unicamente ao que *devia* fazer; não se limitava mesmo ao que *podia* fazer, só enxergava o seu amor, ao qual não punha limites e por isso mesmo sua generosidade, não sabendo restringir-se, oferecia tudo aos pobres. Cumpria com o seu dever alegremente, agradando assim *Àquele para quem o cumpria.*

Amar o dever: é cumpri-lo de boa vontade, dizendo: É só isto?!

Amar o dever: é desejar fazer mais do que ele impõe – é ultrapassá-lo um pouco – lastimando-se de não poder fazer mais. O amor nunca diz: *Basta!*

Amar o dever: é amar aos encarregados de no-lo manifestar: Deus, em primeiro lugar, que nos transmite sua vontade pelos superiores, pela regra, pelos mandamentos, ou ainda pelas circunstâncias das condições do nosso estado.

Assim, para amar o dever temos de lutar contra dois inimigos: *a inconstância e a sensualidade.*

A inconstância ou o amor à mudança tão natural ao homem, porque se enfada das obras longas pelo único fato de ter de continuá-las num certo espaço de tempo em que se lhe esgota a paciência.

A sensualidade que teme o esforço, porque faz desaparecer a consolação sensível e repete incessantemente o grito de preguiça: *É muito cumprido! é difícil!"*

Esses mesmos inimigos seduziam a Santíssima Virgem. Ela, porém, ao grito da preguiça, sempre respondia; Deus o quer! Aos temores da inconstância, respondia ainda: Deus o quer assim! Combatamos que venceremos!

Mãos à obra nós também!

Para sermos bem sucedidos, precisamos de duas coisas: *a luz* para conhecer e a *força* para operar.

A luz: Os exemplos da Virgem de Nazareth dar-nos-ão darão.

A força: Deus dar-nos-á também pela oração.

Meu Deus, dai-nos *o* AMOR AO DEVER!

Resolução: Ver sempre em todos os nossos deveres de estado a expressão da vontade divina e aceitar tudo de sua mão paterna, como prova de seu infinito amor, para acrisolar-nos na prática das virtudes cristãs.

Capítulo 28

(Falta)

Este capítulo não foi escrito. No final do índice original isto é escrito pelo próprio Pe. Júlio Maria, há uma anotação:

(Suplementar):São José
São José (continuação)

Capítulo 29

As leituras de Maria

Estamos numa época em que todos lêem, e tudo querem ler... a ponto de dizer-se que se São Paulo para cá voltasse, far-se-ia jornalista.

Embora exagerada esta asserção não peca por falta de fundamento. Hoje em dia poucos homens pensam por si mesmos; não sabem mais pensar senão pelas suas leituras. Submetem-se às idéias, boas ou más, dos autores por eles preferidos.

Não se pode negar a importância da leitura. Podia dizer-se até mudando um pouco o velho rifão: dize-me *o que lês e dir-te-ei quem és, ou quanto vales.*

No tempo da vida terrena da Virgem de Nazareth, a leitura, sem dúvida, estava menos espalhada, embora não fosse menos preciosa.

O povo hebraico, possuidor dos Livros Sagrados, concentrava seu espírito na leitura desses livros inspirados. Hoje infelizmente, não há só *livros bons*, há também *livros maus*, imorais, anticatólicos, ímpios.

Mas, sem entrar nesta lama, que só mancha as almas baixas vendidas ao mal, digamos que há ainda o livro *indiferente*, o livro *bom* e o livro *excelente* como já os havia no tempo de Maria Santíssima.

A Virgem Santa adotou a regra sagrada entre o povo judaico de só ler a Bíblia e as explicações que dela deram os autorizados intérpretes.

A seu exemplo, façamos nossa a regra de não ler os livros *indiferentes* nem os simplesmente *bons*; mas, ler somente os livros *excelentes*. Nossa vida é tão curta que não é bastante para lermos tudo o que há de excelente nos livros que devemos preferir.

A Santíssima Virgem lia, não muitas vezes como hoje se faz, porém o suficiente para passar o tempo, para instruir-se e edificar-se. Antes de iniciar a leitura, ela recolhia-se um instante na oração oferecendo a Deus a leitura que ia fazer, e depois lia pausadamente compenetrando-se das verdades expostas.

De vez em quando, depondo o livro, fechava os olhos, como para melhor escutar a voz do Altíssimo, que ela ouvia ressoar no seu interior e nesta posição passava às vezes horas inteiras em delicioso colóquio com Aquele que divina e ternamente chamava: *Meu Filho e meu Deus.*

Quanta diferença da nossa mania: ler muito para nada aproveitar!

Uma página de um livro excelente lida lentamente e depois meditada com atenção vale mais do que percorrer o livro inteiro, sem aplicação ou reflexão.

O alimento espiritual opera do mesmo modo que o alimento do corpo. Para ser assimilado e proveitoso é preciso que seja tomado em doses pequenas e depois bem mastigado. O mesmo acontece com o alimento espiritual.

Ler muito, sem atenção, exalta o espírito sem instruí-lo.

Ler pouco, com reflexão, instrui e fortifica.

A leitura refletida das ciências faz os sábios.

A leitura refletida da palavra de Deus faz os santos.

A inconstância e a leviandade, que tudo quer ler por curiosidade, produz a presunção e a ignorância.

É um dos grandes males de nossa época: temos a febre de ler tudo, e a preguiça de penetrar coisa alguma. Daí estas tristes conseqüências:

Falta de convicção nos ensinamentos;

Falta de firmeza nas opiniões;

Falta de força nos caracteres;

Falta de anelo no entusiasmo!

Sob a impressão de uma leitura ou de uma exortação sentimo-nos capazes de tudo – principalmente tudo – e depois; desaparecendo esta boa impressão, tudo desmorona-se, tal qual um edifício construído sobre a areia movediça.

A Virgem de Nazareth, sempre humilde, e desconfiada de si, não obstante a perspicácia e a retidão de seu espírito, não se deixava influenciar pelas primeiras impressões; mas conversando com Deus, aprendia com Ele qual o rumo a seguir, quais as impressões da graça e quais as tendências da natureza.

E antes de ler um livro, a Virgem Santíssima, para não esquivar-se ao mérito da obediência, ia consultar aos Sacerdotes da lei antiga, conformando-se com as suas decisões.

Aprendamos com a Virgem Imaculada de Nazareth, a proceder com mais calma e mais prudência na escolha de nossas leituras. Consultemos as pessoas competentes para saber se tal leitura nos aproveitará, ou ao menos não será nociva à nossa alma. Só o confessor conhecedor de nossa consciência e de nossas tendências, poderá dar-nos uma resposta *diretiva* e *certa.*

Resolução: - A exemplo de Maria, devemos ler só livros excelentes, e fazer esta leitura pausada e refletidamente, terminando-a sempre pela oração.

Capítulo 30

O apostolado da dor

É o das grandes almas, das almas heróicas que, desejosas de seguir de perto os passos do Salvador, não se limitam a dedicar-lhe, mas aspiram a sacrificar-se por Ele. Pois o sacrifício é a derradeira palma do amor, conforme a palavra mesma de Jesus, que disse: Não há maior prova de amor do que a de dar a própria vida por aquele a quem se ama.

Dar sua vida: não se deve entender rigorosamente o sacrifício do corpo de uma só vez, mas a ação de castigá-lo, de esmagá-lo, pouco a pouco, pela mortificação e desapego das coisas do mundo e até de si próprio.

Exercer esse apostolado é, segundo o exemplo de Jesus Cristo, chegando a este mundo, dizer ao Pai eterno: Meu pai, não quisestes mais holocaustos nem sacrifícios (de animais), mas destes-me um corpo; eis me aqui, então, para fazer vossa vontade.

E esta vontade, qual era ela? Não podia ser senão a imolação deste Corpo, de que Jesus Cristo, expressamente, faz menção.

De outro lado, Jesus vinha salvar as almas, e as almas não se salvam senão pela dor. Ser um *Salvador* de almas é ser um Homem de sacrifícios.

Os anais da Santa Igreja, assim como a vida dos Santos, são provas irrecusáveis desses sacrifícios.

A Virgem de Nazareth tão intimamente unida a Jesus, destinada a ser a co-redentora dos homens, devia fazer desde pequena o tirocínio deste apostolado, e exercê-lo junto com seu divino Filho.

Ela, a Imaculada, melhor que ninguém, compreendia a extensão e o poder deste divino e irresistível apostolado.

Assim, quando queria salvar uma alma, ela se oferecia em sacrifício, como Vítima, para alcançar a salvação dessa alma.

Ah! Como Ela naqueles tempos não o teria feito, se hoje ainda se encontram pessoas e até crianças assaz generosas que sabemos fazê-lo, com admirável abnegação!

Escutai:

Um dia, numa instrução familiar, um sacerdote disse estas palavras: Quereis converter uma família, apresentai a ela uma alma que saiba sofrer!

Uma menina do povo que acabava de fazer sua comunhão, ouviu as palavras do Sacerdote e compreendeu-as tão bem que as pôs logo em prática.

Muitas vezes a pobre criancinha via chorar sua mãe...

Todas as noites seu pai entrava em casa embriagado, proferindo blasfêmias que a faziam tremer e arrancar lágrimas a sua mãe.

A menina recolheu as palavras do Ministro de Deus, que lhe revelaram o poder da expiação e à noite, de volta à casa, foi lançar-se nos braços de sua mãe, e apertando-a com efusão, disse-lhe: “Minha mãezinha, fica quieta, pois daqui a pouco, papai não te fará mais chorar”.

No dia seguinte, à hora do almoço, única em que se via reunida a família, a menina só aceitou um pedaço de pão e um copo d’água para sua refeição.

- “Estás doente, minha filha, perguntou a mãe admirada?”

- “Não, mamãe”.

- “Come então, ajuntou o pai”.

- “Hoje, não quero almoçar, papai!” foi a resposta.

Pensavam que era capricho de criança, e após uma curta admoestação, deixaram-na em paz.

De noite, o pai voltou embriagado, como de costume. As blasfêmias ressoaram na casa, arrancando lágrimas à mãe e à filha.

No dia seguinte, como na véspera, a menina recusou todo alimento, exceto um pouco de pão e um copo d'água.

A mãe ficou inquieta...

O pai zangou-se...

- Quero que comas, diz ele encolerizado.

- "Não, papai, respondeu a menina com firmeza, não comerei enquanto papai se embriagar, blasfemar e fizer chorar a mamãe; assim prometi ao bom Deus – *quero sofrer para expiar os seus pecados!"*

O pai inclinou a cabeça. À noite voltou calmo e sereno.

A pequena ficou radiante de alegria e teve muito apetite.

Mas o mau hábito, em outra ocasião ainda arrastou o pai. O jejum da menina recomeçou. Esta vez o pai não teve a coragem de dizer uma palavra, somente uma grossa lágrima rolou em sua face... parou de comer, escondeu a cabeça nas mãos e, junto com a mãe, começou a chorar convulsivamente.

Só a menina ficou calma e como insensível.

De repente o pai levanta-se, cai de joelhos diante de sua filha, e apertando-a contra o coração: "Pobre criança, diz ele, tu suportarás então sempre uma tal vida, tão martirizante?!

- "Sim, meu pai, até morrer ou tu te converteres!"

- "Minha filha, minha querida filha, diz o pai com a voz embargada pelas lágrimas, eu te juro, nunca mais farei chorar tua mãe!"

Era o golpe da graça.

Se tais cenas se reproduzem nas famílias – se crianças tem a intuição de tais heroísmos, o que não deve ter acontecido na divina família de Nazareth!

Que cenas arrebatadoras de imolação, devem ter tecido a vida da Mãe de Jesus! Quantas almas ela não conduziu a Jesus, sacrificando a si mesma para a conversão delas!

Sacrificar-se: é tão suave para quem ama!

Sacrificar-se: é tão reconfortante para quem se sente amado!

E Maria Santíssima amava... e sentia-se amada.

Os Santos queriam sacrificar-se continuamente. Quando Deus não lhes mandava com que satisfazer sua sede de imolação, faziam-se seus próprios algozes pela mortificação.

Se os santos assim faziam... a Rainha dos Santos tê-lo-ia omitido?!

Oh! não! Somente o céu nos pode revelar esses mistérios!

Quem sabe até, se através dos Séculos o olhar maternal da Virgem não nos distinguiu especialmente... se não discerniu nossas quedas e nossas máculas... e se ela não se ofereceu como *Vítima* para nossa salvação!

Resolução: - Salvemos as almas, soframos por elas. É o segredo do Apostolado e o meio mais seguro de sempre sermos entendidos e atendidos.

Pe. Júlio Maria De Lombaerde, M. S. F.

Súmario

Introdução
Exemplo de Virtude 5

Capítulo 1
A Cidade de Nazareth 9

Capítulo 2
A Casa Santa 13

Capítulo 3
Conservação da Casa Santa 17

Capítulo 4
A Vida da Virgem de Nazareth 21

Capítulo 5
As Ocupações de Nazareth 25

Capítulo 6
A serva do Senhor 29

Capítulo 7
A vida retirada de N. S. de Nazareth 33

Capítulo 8
A Imitação da Virgem de Nazareth 37

Capítulo 9
Jesus está em Nazareth 41

Capítulo 10
Sempre perto de Jesus 45

Capítulo 11
A boa Virgem Maria 49

Capítulo 12
O Apostolado da Virgem 53

Capítulo 13
A dedicação de Maria 57

Capítulo 14
A Virgem Amável 61

Capítulo 15
A doce indulgência 65

Capítulo 16
O olhar sobrenatural 69

Capítulo 17
Maria e a vontade de Deus 73

Capítulo 18
O Santo Abandono 77

Capítulo 19
A Oração da Virgem 81

Capítulo 20
Submissão de Jesus a Maria e José 85

Capítulo 21
A obediência prática 89

Capítulo 22
Uma devoção antiga 93

Capítulo 23
A pureza da Virgem 97

Capítulo 24
A pobreza da Virgem 101

Capítulo 25
A humildade de Maria 105

Capítulo 26
O silêncio da Virgem 109

Capítulo 27
O amor ao Dever 113

Capítulo 28
Falta 117

Capítulo 29
As leituras de Maria 119

Capítulo 30
O apostolado da dor 123

Disponibilizado em: † Livros Católicos para Download